

# **O espetáculo dos ``metaleiros`` em Fortaleza: cenários e encenações corporais**

Abda de Souza Medeiros

Fortaleza, 2004

(Edição do Autor)

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

Abda de Souza Medeiros

**O ESPETÁCULO DOS ``METALEIROS`` EM FORTALEZA:  
CENÁRIOS E ENCENAÇÕES CORPORAIS**

Trabalho realizado para a obtenção do  
grau de Bacharel em Ciências Sociais,  
UFC.

Orientadora: Dra. Glória Maria dos  
Santos Diógenes

Banca Examinadora:

---

Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes(Orientadora)

---

Ms. Mary Pimentel Aires(UECE)

---

Dr. André Haguette(UFC)

---

Dra. Rejane Maria Vasconcelos Accioly Carvalho(UFC – Convidada de Honra)

Fortaleza, 01 de Junho de 2004

*Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos  
nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.  
Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os  
dedos.  
É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,  
e tem a macieza quente do lodo vivo.  
É um rio.  
Corre-me nas mãos, agora molhadas.  
Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de  
repente não sei se as águas nascem de mim, ou para  
mim fluem.  
Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o  
próprio corpo do rio.  
Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os  
barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que  
vagarosamente deslizam sobre a película luminosa  
dos olhos.  
Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas  
águas como os apelos imprecisos da memória.  
Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga.  
Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e  
firme pulsar do coração.  
Agora o céu está mais perto e mudou de cor.  
É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo  
acorda o canto das aves.  
E quando num largo espaço o barco se detém, o meu  
corpo despido brilha debaixo do sol, entre o  
esplendor maior que acende a superfície das águas.  
Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas  
da memória e o vulto subitamente anunciado do  
futuro.  
Uma ave sem nome desce donde não sei e vai pousar  
calada sobre a proa rigorosa do barco.  
Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que  
as aves digam nos ramos por que são altos os  
choupos e rumorosas as suas folhas.  
Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem,  
sigo adiante para o fulvo remanso que as espadas  
verticais circundam.  
Aí, três palmos enterrarei a minha vara até à pedra  
viva.  
Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se  
juntarem às mãos.  
Depois saberei tudo.*

*José Saramago*



*A Amaudson Ximenes, Jolson Ximenes, Wilker D'Angelo, Fábio Barros, Lucas Gurgel, Joaquim Cardoso, Carlos James e Clerton Holanda. Obskure e Clamus respectivamente. Em vocês, pode faltar a palavra para expressar o que vocês tocam. Não se preocupem. O gesto, o movimento, a roupa, a voz, o adereço e o ritmo contam as mais belas histórias de alguém que tem paixão pelo que é e pelo que faz.*

*E aos que ajudaram e ajudam a consolidar o som do Metal em Fortaleza e nas demais cidades do Brasil e do Mundo.*

## **Agradecimentos**

O presente trabalho é resultado das primeiras observações realizadas no campo das manifestações juvenis por meio da música, mais especificamente, a música do rock, tendo como enfoque o estilo corporal apresentado por esses jovens. Contudo, para a realização do mesmo contei com a ajuda de determinadas pessoas. Desde já, deixo registrado os meus sinceros agradecimentos aos que serão citados nas linhas que se seguem.

Aos meus pais por me ensinarem a amar a vida e os livros. Por me custearem os estudos, as roupas, os adereços, os shows e os CDs de Rock. Obrigada pela paciência de ouvirem comigo a "pancada" do Metal.

À minha orientadora, Dra. Glória Diógenes, pela paciência e respeito para comigo. Obrigada pelo carinho e afeto em todos os momentos da orientação, esperando que tenhamos firmado fortes laços de amizade.

À Associação Cultural Cearense do Rock (ACR) por ter permitido o desenvolvimento de minha pesquisa.

Ao Batista, Jônata, Edson, Victor e Clayton que me ensinaram a gostar cada vez mais do Rock.

Ao Zôo (Jumenta Parida), Vitoriano (Alegoria da Caverna), Zeli e Barbosa (Quarto 237), Márcio (N.I.T.S), Gilmar e Jacy (The Clan).

Ao CNPq pela bolsa concedida entre Agosto de 2002 a Julho de 2004.

Aos professores Carlos Versiani e André Haguette, chefe e vice-chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará.

Aos professores da Universidade que me ensinaram o caminho da Ciência, especificamente, àqueles que me ensinaram o fazer antropológico: Carlos Versiani, Ismael Pordeus, Lúcia Morales, Lea Carvalho, Isabelle Braz, Simone Simões (apesar das poucas aulas) Alberto Magno, Rejane Carvalho e Linda Gondim.

À Mary Pimentel, professora de Sociologia na Universidade Estadual do Ceará (UECE), pelo carinho de sua amizade.

Ao Clístenes, pela doçura, suavidade e precisão absoluta em nossa amizade. Obrigada pelo companheirismo nos debates acadêmicos e pela singeleza de suas reflexões.

Ao carinho de Rosalette, Ana Maria, Laila, Priscila, Valdetônio, Tobias, André, Carmen e Alyne que estão sempre por perto.

Aos amigos que fiz ao longo de quatro anos e meio de faculdade. Fique em nossa memória a idéia de que: *não se entra duas vezes no mesmo rio – diz o filósofo, porque cada*

*experiência é uma conquista, cada caminhar – espinhos e flores, cada olhar – uma descoberta.* Obrigada Eduardo Vasconcelos, Marina, Clauber, Ana Paula, Vanessa (PE), Silvia Roberta, Danielle Ellery, Conceição, Arline, Nahyara, Meirilane, Meire e Cleiton (Comunicação), Mara (História), Napiêr(Economia), Rosilene, Lucinha, Lúcia de Fátima, Lucimar, Rita, Simone, Manu, Gleiciane, Mayara, Vinicius, Mário, Tiago, Alberto, Delano, Valdiran, Manuel Jorge, Edilberto, José Maria, Patrick, Johannes Paulus, João Paulo, Daniele Campos, Pedro, Vanessa, Tiago Moreno, Tiago Carvalho, Jobenemar e Janara.

Aos alunos dos cursos de História e Psicologia que se tornaram meus amigos desde a época em que fui monitora.

A todos àqueles que já foram meus professores no Ensino Fundamental e Médio, especialmente, Fátima Carneiro, Eliane Cavalcante, Ronaldo Monteiro e Henrique Teixeira, com quem tenho fortes laços de amizade.

Gracias a André, Gladys y Zulmira por cuenta de nuestra amistad en las clases de Español.

Ao Aiberê, Lucineide, César, Valter, Rosali, Marcelo, Socorro e Jeanne.

À Cássia, Carla, Rubens, Diana, Elaine, Felipe e Girleydson pela companhia nas noites de shows e no dia-a-dia.

À Rilda Bezerra, Milena Travassos, Igor Grazianno, Felipe Gadelha, Igor Câmara, Mirelle Freitas, Jolson Ximenes, Carol, Érica, Neide, Tiago e a todos que foram meus companheiros no Projeto Enxame, como também, aos integrantes do mesmo.

À Tatiane, minha terapeuta que me ajuda a me entender.

Àqueles que me enviaram e-mails de incentivo e sugestões, quando as primeiras linhas começaram a ser escritas e publicadas pela Internet através do site *Comunidade Virtual de Antropologia*.

Aos que me ajudaram indiretamente: Abda (tia), Cardoso, Maria Ester, Ivanira, Moisés, Marta, D. Regina, Miranda, Efísio, Fátima, D.Antonieta e Sr.Mendonça, Samuca, Lidian, Héber Souza, Valquíria, Aleluia, Ednizia, Sales, Marcílio, Manuela, Shalon, Micaelle e Maria de Jesus.

## Sumário

Dedicatória

Agradecimentos

Introdução .....	05
1.1 Primeiras experiências.....	05
1.2 Conversando com Batista.....	07
1.3 O show na Associação Cultural Cearense do Rock(ACR).....	09
1.4 Percursos e mais descobertas.....	10

Capítulo 1

Quem é a Associação Cultural Cearense do Rock(ACR)? .....	13
---	----

Capítulo 2

Configurações de um ``quebra-cabeça´´: definindo o campo de investigação.....	18
---	----

Capítulo 3

Procedimentos em campo .....	26
------------------------------	----

Capítulo 4

Trajetórias de estilos: música e corpo .....	29
4.1 ``O monstro que destrói a cidade´´ .....	34
4.2 Esquemas culturais em mudança .....	38

Capítulo 5

A performance dos ``metaleiros´´ .....	42
--	----

Capítulo 6

<i>Cenário Underground</i> .....	52
----------------------------------	----

Considerações Finais.....	57
Bibliografia.....	59
Anexo.....	61



## Introdução

*“O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento”.*

*Paulo Chacon*

### 1.1 Primeiras experiências

O prazer em ouvir a música do rock, ir aos shows e admirar a performance dos músicos e freqüentadores, levou-me a refletir sobre o estilo corporal apresentado pelos roqueiros (mais especificamente os chamados metaleiros/headbangers-batedores de cabeça) tendo como foco de análise duas bandas que integram a Associação Cultural Cearense do Rock(ACR), a saber: uma, de *Death Metal – Obskure* - e outra, de *Thrash-death Metal – Clamus* . Estas bandas produzem seus próprios trabalhos (fitas, cds e camisetas) o que não as impedem de uma vez ou outra tocarem um *cover* de alguma banda reconhecida nacional ou internacionalmente. Além disso, caracterizam-se por serem duas das principais bandas do *cenário underground*<sup>1</sup> de Fortaleza sempre se apresentando nas principais casas de shows da cidade, muitas vezes, abrindo shows para bandas internacionais.

1985. Ano do primeiro grande festival de rock no Brasil – o Rock In Rio. Eu tinha, na época, apenas quatro anos de idade. Embora muito pequena, lembro que, em minha casa, os comentários acerca desse evento eram intensos, já que meus pais me consideravam criança para estar assistindo àquela “loucura”.

O segundo Rock In Rio foi sete anos mais tarde, ou seja, em 1992 e nessa época eu já tinha 11 anos de idade. Foi a primeira vez em que vi um show de rock acontecendo no Brasil, mais especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. Lá estavam pessoas de outras nacionalidades (muitas delas eram profissionais da imprensa especializada nesse estilo musical) que vinham assistir a um dos maiores festivais de música.

Além disso, eu lembro que a televisão brasileira procurava enfatizar por meio das falas dos repórteres que em solo brasileiro estavam aqueles que os mais entusiasmados chamam de “deuses do rock”. Ouvia os repórteres falarem em *Black Sabbath*, *Iron Maiden*, *Metallica* e tantos outros nomes de bandas que soavam tão estranhos como se fossem um acorde musical em que uma das notas fosse tocada fora de tempo.

---

<sup>1</sup> Posteriormente esse termo será explicado.

O jornal da noite na TV Globo dedicava sempre cerca de dez minutos para falar sobre o evento, mostrar os “deuses do rock”, as características de cada banda e de cada solista ali presentes, como também, abordar o modo “irreverente” como eles se vestiam e se comportavam.

Quando estava vendo aquelas imagens, impressionava-me com cada fala, com cada roupa, com cada adereço e tatuagem que me eram exibidos. Quando estava em família, ouvia cochichos do tipo “são todos vagabundos” e “olha que loucura”. Os mais fiéis às suas crenças cristãs diziam: “isso é coisa do diabo”.

“Dava ouvidos” àquelas afirmações já que não conseguia compreender o porquê daquelas pessoas (em sua grande maioria homens), cabeludas e tatuadas, comportarem-se daquela forma e expressarem todo um conjunto de gestos e expressões faciais que levavam àqueles que assistiam à TV comigo a falarem em “vagabundagem”, “loucura” e “diabo”.

Após o segundo Rock In Rio, passei a ouvir cada vez mais a música do rock. Ouvia a portas fechadas em meu quarto e com o som em baixo volume. Iniciei ouvindo aquilo que chamamos de som “mais leve”. É um tipo de som que não é cantado com voz gutural (predomina-se o vocal agudo), nem possui rápidas passagens de bateria ou muitas distorções em guitarras. Caracteriza-se como aquilo que pode ser audível, compreendido, tocado pelos meios de comunicação de massa e, se nos restar algum dinheiro, pode-se comprar o CD ou fita cassete, porque o som não trará tantos incômodos aos ouvidos dos não simpatizantes desse tipo de música.

No mesmo período, comecei a vestir-me e usar maquiagem de cor preta e correntes no pescoço. Pensei, algumas vezes, em fazer tatuagem no corpo tal como eu via no corpo dos roqueiros. Papai também servia como referencial, já que em seu braço direito havia uma tatuagem que ele fizera quando era jovem. Enfim, todas essas experiências me possibilitavam uma melhor apreensão acerca do universo da música do rock e de seus signos. Além disso, estava sempre informada sobre as datas de shows pela cidade e sobre os novos lançamentos em discos, cds e revistas. E esse período se prolongou por toda a década de 90, quando concentrei meus afazeres em torno dos estudos, do voleibol e da música do rock.

Mas, com o passar do tempo, esse tipo de som (o som “mais leve”) já não me satisfazia. Através de amigos que também curtem rock, conheci outras variações do estilo: aqueles que falam no Diabo, aqueles que se utilizam do protesto em suas letras politizadas e aqueles que falam em Deus e na morte de Jesus Cristo como símbolo da redenção humana. Durante alguns anos, ouvi esse tipo de rock, já que em minha casa, segue-se a religião cristã. Essa foi a forma que encontrei para “curtir” o som em alto volume, como também, tentar

conscientizar meus pais de que aquele tipo de som nada tem a ver com “vagabundagem”, “loucura” ou “diabo”.

Contudo, algo estava para acontecer. No ano 2000, fui aprovada no vestibular da Universidade Federal do Ceará para o curso de Ciências Sociais. Tinha 20 anos de idade e, nesse mesmo período, já era envolvida com a militância no Partido dos Trabalhadores(PT) e com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As letras politizadas do punk rock despertaram-me para a luta contra as desigualdades e mazelas sociais. E eu acreditava que o partido político e o movimento social seriam formas de lutar.

Enquanto isso, na Universidade, tinha aulas de Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Filosofia, Metodologia Científica, enfim, várias disciplinas que me conduziam à escolha de um fenômeno a ser investigado cientificamente. Ao final do ano 2000, decidi que iria estudar o MST, mais especificamente o sistema de cooperativas no Ceará. Iniciei as primeiras visitas à sede do movimento, fiz contatos com os diretores e agendei algumas visitas ao interior do Estado, nas cidades onde funcionavam as experiências com cooperativas. Contudo, após diversas denúncias que a TV Globo e a revista VEJA fizeram contra o movimento, a direção nacional do MST proibiu toda e qualquer tipo de visita ou informação sobre os assentamentos. Imediatamente fui comunicada pela direção do movimento no Ceará, sobre a minha impossibilidade de estar nos próximos dias com eles. Diante disso, comecei a pensar em outro fenômeno a ser investigado.

O tempo passava e eu continuava ouvindo rock cada vez mais. Nesse período, já não ouvia *Beatles*, *Led Zeppelin* ou qualquer tipo de rock semelhante a essas bandas que, por sua vez, aproximavam-se do *blues* e do *jazz*. Ouvia agora um tipo de rock mais progressivo, com muitas distorções em guitarras, batidas aceleradas de bateria e vocais, ora agudo, ora gutural.

A cada dia que se passava, envolvia-me com esse tipo de som. Quando ia aos shows, colocava roupa e maquiagem preta e era nesse corpo que sentia as sensações de “jogar” o cabelo e “bater” a cabeça (tal como faziam as pessoas ali presentes), quando ouvia o som das guitarras, bateria e vocal. Acredito que, ali esta pesquisa ensaiava os primeiros passos.

## **1.2 Conversando com Batista**

Nesse mesmo ano, 2001, eu estava no terceiro semestre de faculdade. Ainda não conhecia muitos dos meus companheiros de curso, já que as aulas e os trabalhos nos impossibilitavam de uma maior interação. O espaço mais provável para se conhecer alguém

do curso de Ciências Sociais ou de qualquer outro da Universidade, era o Restaurante Universitário.

Certo dia, eu estava posta a uma das mesas desse restaurante quando um moço de estatura baixa, moreno, cabelos pretos e curtos, vestido com bermudão vermelho, camisa com a foto de *Malcom X* e adornando-se com uma corrente de metal no pescoço, aproximou-se de mim e pediu licença para sentar-se ao meu lado. Concedi-lhe o pedido. Sentou-se ao meu lado e me perguntou se fazia Ciências Sociais, já que, por algumas vezes, havia me visto em uma das salas do curso. Respondi que sim. Então, ele me perguntou se eu gostava de rock. Respondi que sim. E ele me retrucou: “deu pra perceber, vestida de preto...”. Perguntei como ele se chamava e ele me disse: Batista.

A partir daí, enquanto almoçávamos, Batista falava da música do rock e eu pensava como Durkheim, Marx e Weber (os três clássicos das Ciências Sociais) explicariam o rock como sistema cultural. Em nossa conversa descontraída, disse-lhe que muito me interessava estudar o rock, mas achava difícil, naquele momento, pois eu terminara de sair de uma frustrada investigação.

Rapidamente Batista negou essa possibilidade, me deu um NÃO daqueles que qualquer desanimado ou frustrado com fenômenos de pesquisa, entenderia como uma “injeção” de ânimo para as adversidades que o campo de pesquisa nos oferece. Segundo ele, ao contrário, não era difícil estudar o rock. Disse-me ele: “tem eu, o Jônata, o Edson. . . tanta gente que pode te ajudar. . . tem o Amaudson (presidente da ACR) que é sociólogo. . . muita gente pode te ajudar, Abda”.

Após essa fala, Batista me fez um convite para estar na Associação Cultural Cearense do Rock (ACR) onde sua banda – Mercado Negro – seria uma das atrações do show que se realizaria no dia cinco de maio às 17h, na sede da ACR, localizada na Av. Tristão Gonçalves, 358, no centro de Fortaleza.

Diante dessas palavras tudo que eu queria era estar no show da ACR. Desejava ardentemente conversar com Jônata (estudante do 2º ano no curso de Ciências Sociais e meu companheiro de sala) e Edson (estudante do 1º ano do mesmo curso e que era companheiro de sala de Batista). Naquele momento, pensei que havia chegado o momento de iniciar cientificamente as primeiras aventuras pelo fascinante universo do rock.

No dia seguinte conversei com Jônata. Logo ele me indicou o livro *O que é Rock* do historiador Paulo Chacon e o livro *Heavy Metal: guitarras em fúria*, do jornalista carioca Tom Leão. Neste mesmo dia, pela tarde, comprei os livros e iniciei as leituras. Quanto mais eu lia, mais Jônata, Batista e um pouco menos Edson indicavam-me shows, sites e vídeos sobre

bandas de rock. As conversas que tínhamos sobre as leituras feitas por mim me possibilitaram recortes empíricos em relação ao estudo que pretendia desenvolver.

### **1.3 O show na Associação Cultural Cearense do Rock (ACR)**

Quatro de maio de 2001. Estou na esquina da Avenida Tristão Gonçalves, 358, num local chamado “Casarão cultural” onde se realizam os eventos da Associação do Rock e os eventos de um partido político comandado pela ex-prefeita de Fortaleza Maria Luíza Fontenele. São exatamente 18h e o show está marcado para as 17h e ainda nem começou. Enquanto isso, ouço ruídos de som que saem deste lugar. Os garotos e as garotas vão chegando sozinhos (as) ou não. Alguns descem dos ônibus que passam logo na rua da frente. Outros descem do carro particular. Dirigem-se à portaria do Casarão onde já se encontram outros jovens sentados à espera do show. Alguns desses jovens bebem cerveja (a Antarctica de latinha), outros fumam (cigarro comum) e outros conversam. Estão em sua grande maioria de preto e vestem camisetas de bandas internacionais do tipo: *Metallica*, *Iron Maiden*, *Sepultura*, *Rage Against the Machine* e tantas outras de nomes que eu não compreendo. O não compreender consiste em não saber o que está escrito naquelas camisetas. São nomes e desenhos estranhos àqueles que não compartilham as mesmas categorias partilhadas por aqueles garotos. São letras com vieses, escritas de forma declinada ou de cabeça para baixo ou com pontas nas bordas que dificultam o entendimento da mensagem para aqueles que não são do grupo ou para aqueles que estão a pouco tempo no grupo (como no meu caso).

Vestem calças leves e soltas. Além disso, adornam-se com colares metálicos, brincos e piercings em suas faces. Raramente vejo algumas tatuagens, pois as camisetas cobrem a região peitoral e das costas (somente vejo as tatuagens escritas sobre os braços). O cabelo longo marca presença, principalmente entre aqueles que se apresentam com camisetas de bandas de *Heavy Metal*. Estão todos eufóricos e falam alto. Vejo que estes jovens possuem um andar “desajeitado”; além disso, vejo o quanto a música do rock consegue agregar tantos garotos (as), como também, pessoas de fase adulta. As roupas que eles usam, sempre transmitem um “tom” de liberdade. Camisetas por cima da calça, geralmente atingindo um pouco abaixo do abdômen, calças frouxas ou bermudões frouxos até os joelhos, tênis preto de alguma etiqueta conhecida, tipo: *Rainha*, *Olympikus* etc. Na voz, a presença das expressões “*macho*”, “*cara*” e “*brother*”. Falam alto e sempre com rapidez. Quando fumam, trocam cigarros entre amigos, compram refrigerantes e dividem com a turma que está sempre em formato circular. Vejo que o corpo dessas pessoas expressa a polimorfia e a significação que o rock construiu ao longo

dos anos. Penso que, para eles, o rock não está apenas em melodias, harmonias ou ritmo. Mais do que isso: está na estética corporal. Enquanto penso essas questões, as bandas *Dose Lethal*, *Mercado Negro* e *Jumenta Parida* se apresentam, respectivamente. O som é alto; as vozes dos vocalistas são agudas; as guitarras são potentes e as levadas aceleradas de bateria fazem com que o público pule, incline o corpo para frente e para trás e balance a cabeça de um lado para o outro; de vez em quando, alguém sobe no palco e pula de lá para que os companheiros que estão embaixo o segure. Antes de pular, alguns tiram a camisa, sobem no palco, cumprimentam o vocalista (chegando às vezes puxar o microfone de forma que possa cantar com o mesmo) e, em seguida, dirigem-se à platéia, acenam com as mãos para que o grupo mais próximo se junte, dão às costas e pulam. Alguns chegam a pular de frente para a platéia e, enquanto são sustentados, “ficam passando de mão em mão” até que ninguém não o sustente e, então, volta-se para junto da platéia e fica de pé junto ao palco.

#### **1.4 Percursos e mais descobertas**

Esses primeiros registros de minhas experiências com a música do rock tomaram uma dimensão mais nítida quando comecei a freqüentar regularmente os shows que acontecem na cidade de Fortaleza, geralmente, aos finais de semana e que serão descritos ao longo desse trabalho. Os trajetos que realizo para a Universidade ou para o trabalho possibilitam que eu veja nas paredes dos edifícios próximos às escolas de ensino fundamental e/ou médio, anúncios sobre shows de rock nas duas principais casas de shows de Fortaleza, a saber: Metrópole Shows e Hey Ho Rock Bar.

Além disso, fui apresentada, por intermédio de Batista (meses depois do show na ACR), ao presidente da Associação do Rock – Amaudson Ximenes – que, por sua vez, convidou-me para assistir a uma das reuniões na sede alugada da ACR. O convite foi aceito e, no dia 27 de Janeiro de 2003 às 19h, compareci na Av. João Pessoa, 455, bairro Damas, região centro-sul da cidade.

Sou a primeira a chegar na reunião. Por alguns minutos, estou à espera de Batista para que ele me apresente pessoalmente ao presidente da ACR. Logo após a chegada de Batista, um Del Rey de cor cobre é estacionado frente à galeria Marmoraria Calixto, onde funcionam as salas da ACR. É Amaudson que vem chegando. Quando desce do carro, olha em minha direção e indaga: “Abda”? E eu respondi: “Sim, sou eu”. Em seguida, nos cumprimentamos e nos dirigimos à sala da reunião que fica aos fundos da galeria. Ele abre a porta-rolante da sala e vai logo me informando que tem de ir buscar o dono de uma gravadora brasileira que está

hospedado em um dos hotéis da cidade e que tem muita curiosidade em conhecer a ACR. Diz-me que esse moço o havia telefonado pedindo-lhe para fazer esse favor, pois, havia conhecido o trabalho da associação através das reportagens publicadas na revista paulista *Roadie Crew*, especializada na música do rock. Assim, Amaudson me convida para ir junto com ele buscar o produtor.

Antes de continuar a descrever sobre o nosso encontro com o dono da gravadora, tenho de fazer algumas observações sobre o espaço físico onde se reúnem às segundas-feiras, bandas associadas e pessoas afins da música do rock. De um lado da galeria, tem uma casa onde vive uma família a qual pertence à dona da Marmoraria Calixto; do outro, várias salas que são alugadas para fins comerciais ou para reuniões, como as da ACR. Nos fundos da galeria, fica a fábrica de mármore e granitos pertencente à D Iracy, proprietária do local. É um lugar escuro e não tem pisos.

No terraço, em frente às duas últimas salas, ocorrem as reuniões da ACR. As reuniões eram para ser realizadas dentro das respectivas salas, o problema é que o espaço é pequeno para tantas pessoas. Na última sala temos uma mesa de sinuca, um bebedouro e, nas paredes, pôsteres de *Ozzy Osbourne* (ex-vocalista da banda Black Sabbath) e *Ângela Gossow* (vocalista da banda Arch Enemy) retirados da revista *Roadie Crew*. Na penúltima sala, temos cadeiras brancas (estilo carteira escolar), um quadro negro e um aparelho de ar condicionado que refrigera o espaço quando o mesmo é utilizado para debates, seminários ou oficinas musicais.

Enquanto realizo esses registros, estamos a caminho do encontro com o dono da gravadora de Brasília. De vez em quando, Amaudson me pergunta sobre o que quero abordar em minha pesquisa sobre a música do rock. Afirmo que, inicialmente, sei apenas que quero estudar a relação entre corpo e música. Entretanto, afirmo eu, não realizei os “recortes” devidos sobre que tipo de rock e que aspecto corporal irei estudar.

Chegamos no hotel onde está hospedado o proprietário da gravadora. Amaudson desce do carro e vai em busca do referido homem, enquanto eu fico à espera dos dois dentro do carro. Minutos depois, eles se aproximam. Amaudson o apresenta para mim, dizendo que sou uma pesquisadora na ACR. De volta à associação, Paulo (é assim que o moço se chama) nos fala que é sueco e que vive no Brasil há dois anos. Além disso, é produtor de uma banda de *Thrash Metal*, chamada *Narcoze*, em Brasília. Essas informações e tantas outras (inclusive sobre minha proposta de pesquisa) foram trocadas ao longo do trajeto de volta à ACR e, quando percebemos, já estávamos a poucos metros da sede da associação.

Lá chegando, descemos rapidamente do carro, pois a reunião já está atrasada para

começar. Nos dirigimos à penúltima sala e, já que o espaço é pequeno, temos de sentar no chão para que todos sejam acomodados. A reunião é iniciada com as apresentações de Paulo e eu para as pessoas ali presentes. Em seguida, Amaudson discute os próximos shows e eventos da instituição. Percebo que aquelas pessoas são sempre divertidas e eufóricas. Até mesmo nos momentos de discordâncias de opiniões, existe um ou outro que está a “tirar” uma brincadeira com a situação, ou, aqueles que entram e saem para fumar um cigarro ou para jogar sinuca na sala ao lado.

Estão vestidos, em sua grande maioria, de preto, de preferência camisas de bandas de rock. Usam bermudões até a altura dos joelhos e chinelos. Alguns estão de bonés e, outros, adornam-se com brincos, correntes e piercings. Quando tratam um ao outro, utilizam sempre as expressões “cara”, “bicho” e “macho”(tal como observadas no show descrito anteriormente ); além disso, gesticulam demasiadamente os braços. Os que possuem cabelo longo aparecem sempre de cabelo preso, mas percebo que sempre procuram uma forma de exibi-lo, seja quando colocam sobre os ombros ou simplesmente quando o tocam. Enquanto Amaudson fala, têm um grupo de pessoas do meu lado esquerdo cochichando sobre os mais recentes lançamentos na música do rock.

Minhas experiências, o encontro com Batista e o primeiro show na Associação do Rock representaram os primeiros passos do que estava por vir. Uma semana depois, voltei à reunião da ACR e conheci outras bandas. Procurei, também, conhecer um pouco mais da história da instituição, os eventos que promoveu e a intervenção social por intermédio da música do rock nas comunidades de baixo poder aquisitivo em Fortaleza.



## Capítulo 1

### Quem é a Associação Cultural Cearense do Rock?

A Associação Cultural Cearense do Rock foi fundada em 25 de Abril de 1998. Presidida pelo sociólogo e guitarrista da banda de *Death Metal Obskure*, Amaudson Ximenes Veras Mendonça, é uma entidade civil sem fins lucrativos que associa pessoas e grupos (que atualmente correspondem a 20 e abrange os mais variados tipos de rock) que realizam trabalhos artísticos. Além disso, tem como finalidade incentivar o estudo, a pesquisa, análise crítica, promover seminários, cursos, debates e eventos artísticos em Fortaleza, região metropolitana e outras localidades do país.

Nos primeiros meses, logo após a sua fundação, a ACR funcionou na rua Ataulfo Alves, 555, no bairro Jardim das Oliveiras. Em seguida, mudou-se para Avenida Tristão Gonçalves, 358, no centro de Fortaleza onde, desde a sua fundação, os associados se reuniam. Posteriormente, em virtude da venda desse local (que até então era alugado) por parte de seus proprietários, a ACR, mais uma vez, alugou duas salas na Marmoraria Calixto, localizada na Avenida João Pessoa, 355, no bairro Damas. Em virtude de dificuldades financeiras para pagar o aluguel, os dirigentes e associados mudam-se para o pátio do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, o conhecido “bosque das letras”, onde realizam suas reuniões às segundas-feiras no horário de 19h. A programação da ACR ao longo desses anos ocorreu da seguinte forma:

#### ✍️ Dos eventos

1a e 2a Mostra de Bandas de Rock do Ceará 2003 - realizadas no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em parceria com Secretaria de Cultura do Estado do Ceará / Ministério da Cultura / Teleceará.

Forcaos - festival de rock e pop, realizado anualmente, sempre na última semana do mês de julho. Idealizado como uma alternativa ao Fortal, que ocorre no mesmo período, encontra-se em sua 6ª edição, constituindo-se como o maior festival underground do Nordeste. O Forcaos possui um caráter beneficente, sendo cobrado uma quantia simbólica pelo ingresso e a doação de um quilo de alimento não perecível. Toda a alimentação é doada a instituições locais, já tendo sido contempladas entidades como Santa Casa de Misericórdia, Casa do Menino Jesus, Projeto Quatro Varas, Fome Zero entre outras. Trata-se, portanto, de um festival musical que

acontece desde o ano de 1999, como forma de se contrapor à Micareta de Fortaleza (chamada de “carnaval fora de época”) – Fortal – cujo estilo predominante é a música baiana. O festival é realizado anualmente, sempre na última semana do mês de Julho. Idealizado como uma alternativa ao Fortal, o evento vem chamando a atenção de segmentos da imprensa local e nacional, como por exemplo: jornal O Povo e a revista paulista de Rock, Roadie Crew

Sexta Rock - evento quinzenal que visa a formação de platéia, a oferta de um espaço de divulgação para as bandas que se apresentam e o resgate histórico do Centro de Fortaleza. Assim como o Forcaos, o Projeto SEXTA ROCK também possui um caráter beneficente, buscando despertar na juventude o sentimento da solidariedade através da doação de alimentos. As doações são revertidas para entidades de atuação comprovadamente social, já foram beneficiadas pelo SEXTA ROCK a União das Mulheres Cearenses, Santa Casa de Misericórdia, Projeto Quatro Varas, Núcleo de Integração pela Vida, Barraca da Amizade, União das Comunidades da Grande Fortaleza, Associação Beneficente Ideal, Associação dos Voluntários do Hospital São José, Fábrica de Imagens, Creche Escola Edson Queiroz, Comunidade Indígena Tapebas e Lar Torres de Melo.

#### ☞☞ Das publicações

A Música Underground em Fortaleza: Resistência ou crise de Identidade? - lançada em outubro/2000, durante a Semana de Letras da Universidade Federal do Ceará, juntamente com o Centro Acadêmico Patativa do Assaré, do sociólogo/guitarrista da banda Obskure.

Ex-Ame - lançada no mesmo evento, de autoria do publicitário/guitarrista da banda Diagnose, pela DO IT YOURSELF EDIÇÕES (criada pela ACR para apoiar as publicações de seus autores).

Sub Vox - periódico da entidade, responsável pela divulgação das bandas e atividades das mesmas.

#### ☞☞ Dos vídeos

Vídeo Documentário - como parte integrante das comemorações dos quinhentos anos do Brasil, a entidade promoveu um festival com 20 bandas locais, denominado “Brasil: com o

Rock são outros 500!"; gerando o vídeo de mesmo nome, que vem sendo divulgado nacionalmente, tendo inclusive participado do XI CINE CEARÁ e do VIII EXPOCOM (MS). O documentário contou com a parceria do Instituto Dragão do Mar de Cinema e Vídeo e Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Vídeo Promocional - vídeo-clipe da 3ª edição do ForCaos com a finalidade de divulgar o evento em escala nacional e internacional.

Vídeo documentário "O Simbolismo dos Shows de Rock em Fortaleza" produzido pelo publicitário e guitarrista da banda Diagnose Eduardo Jorge de Oliveira, enfocando aspectos da filosofia Faça Você Mesmo. O documentário foi filmado no Casarão Cultural no ano de 2001 em decorrência do 1º de maio (Dia do Trabalho), tendo a parceria da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Em 2003, o evento que marcou o Dia do Trabalho, foi realizado na sede da ACR, contando com a apresentação de grupos musicais, performances teatrais, exibição do vídeo "O Simbolismo dos Shows de Rock em Fortaleza", além de palestras sobre o significado do "1º de Maio" com professores Uiracy de Souza Braga e Francisco José Damasceno, ambos da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Vídeo Promocional - vídeo-clipe da última edição do Forcaos com a finalidade de divulgar o evento em escala nacional e internacional.

#### ☞☞ Dos cursos

Programa Capacitação Solidária - no período abril a setembro/2000, em parceria com a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária, a entidade promoveu o curso de Assistência Técnica de Shows e Produção Cultural, beneficiando 30 jovens das comunidades de José Walter e Pantanal.

#### ☞☞ Das atividades de mobilização

Audiência Pública - em jul/2000, a ACR promoveu uma Audiência Pública na Câmara Municipal de Fortaleza, com o objetivo de discutir a legitimidade da Ordem dos Músicos do

Brasil (OMB) e do Escritório de Arrecadação de Direitos Autorais (ECAD). Na ocasião estiveram presentes representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), parlamentares e músicos. O evento contou com ampla cobertura da imprensa local. O motivo da contestação dá-se pelo fato da OMB censurar, cobrar taxas e até finalizar um show, caso os músicos não possuam a carteira e nem contribuam com a instituição. Desde quando foi criada, através da Lei 3.857 de 22 de Dezembro de 1960, a OMB tem sido alvo de constantes protestos, não apenas por pessoas do segmento Rock, como também, pela Orquestra Sinfônica de São Paulo.

Debate - como uma das atividades do 2º Forcaos, a ACR promoveu um debate sobre produção independente/direitos autorais/rádios comunitárias com personalidades do cenário musical, o evento contou com a participação do cantor e compositor Lobão, mobilizando bandas locais, e atraindo grande número de jovens, ocupando destacado espaço na imprensa local e nacional.

Seminário - Participação no 1º Seminário Hangar de Música, realizado na Capitania das Artes em Natal/RN em nov/2001 enfocando a discussão em torno de questões pertinentes a música, tais como A Música Popular Brasileira, Música de Grupos e Perspectiva de Mercado e OMB: A questão continua... O debate contou com uma plateia formada por músicos, jornalistas, estudantes universitários e do ensino médio da cidade de Natal, que apesar da condição de expectadores interagiram bastante com os palestrantes.

Seminário – Participação no Debate “A Ordem dos Músicos do Brasil”, dentro da programação do 1º Festival de Bandas do SESC, realizado no Auditório da instituição, na cidade de Sobral/Ceará, nos dias 14, 15 e 16 de março/2002.

O esforço desenvolvido pelos membros da ACR levou a discussão para o interior do Estado, mas precisamente para a cidade de Sobral, onde ocorreu uma Audiência Pública na Câmara Municipal daquele município, provocando o afastamento do delegado regional da instituição por abuso de poder e autoridade, crime de extorsão, bem como o fechamento de alguns estabelecimentos da OMB no interior do Ceará.

#### ✍ Espaço Jovem

A Associação Cultural Cearense do Rock, em parceria com a Comunitas/Redejovem se propõe a contribuir com o projeto "Inclusão Digital de Jovens", colocando a disposição do segmento menos favorecido um espaço construído no bairro Jacarecanga, na comunidade da “Rua do Fogo”. O local estará equipado com 7 computadores/internet, tendo a ajuda de dois

monitores para auxiliarem a comunidade.

Como estratégia para obter sustentabilidade econômico-financeira será implementado o projeto de prestação de serviços de digitação, criação de capas de CD's, Fitas Demo, cartazes, panfletos, folders, home-pages. Tais serviços serão desenvolvidos por alunos que se destacarem nos cursos promovidos pela Associação, sob a supervisão da Direção e Voluntariado, em regime de estágio-remunerado.

O gerenciamento do espaço contará com um corpo de voluntários que serão recrutados e coordenados pela Diretoria da Associação Cultural Cearense do Rock. Para isso, será feita uma ampla divulgação da proposta do espaço em colégios, universidades, shows promovidos pela associação ou não, centros culturais, ONGs, sindicatos e outras associações. A inauguração será realizada em 07 de Maio de 2004.

#### ~~✍~~ Aula cidadã

O projeto é uma parceria da Associação Cultural Cearense do Rock e os professores Marcos Henrique (História e Atualidades) e Adean Henrique (Biologia e Química). O projeto funcionou como um piloto para o ano de 2003, quando se pretende implantar todas as matérias. A experiência inicial foi feita com alunos do 3º ano do Colégio Piamarta, mas outros alunos poderão se integrar ao projeto. É cobrada a importância de R\$ 1,00 por matéria. As aulas foram ministradas na sede da Associação.

A ACR, como consta em seu estatuto, acredita que a música não é apenas uma mercadoria, mas um instrumento de conscientização, emancipação e sobrevivência. Por isso, em suas reuniões fala-se não apenas nesses valores, como também, incentiva-se a contribuição dos sócios, a criação de eventos, feiras, rifas e consórcios como formas de manterem a instituição e fortalecer o que eles chamam de “cenário Rock” no Ceará<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Essas informações me foram concedidas por Amaudson Ximenes, presidente da ACR, através dos registros que o mesmo dispõe.

## Capítulo 2

### Configurações de um “quebra-cabeça”: definindo o campo de investigação

O Rock é uma linguagem universal. Desde os anos 50, quando ele deu os primeiros passos cristalizando-se na figura de *Elvis Presley*, até os dias de hoje, percebe-se o quanto o estilo se diversificou, industrializou-se e, assim, produziu músicos, bandas e *merchandising* de acordo com as idéias que cada corrente difunde<sup>3</sup>.

Contudo, o universo do rock não é homogêneo. Após os anos 50, cada dia e cada ano que passou representaram para esse tipo de música um horizonte de fragmentos e posturas que, quando alguém nos perguntar se gostamos ou não de Rock, e caso respondermos que gostamos, a próxima pergunta que nos será feita é: de que tipo de rock você gosta?

Têm-se o rock de *Elvis Presley*, o dos *Beatles*, *Rolling Stones*, *Ramones*, *Yes*, *Black Sabbath*, *Iron Maiden*, *Nirvana*, *Krisiun*, dentre outras, uma infinidade de solistas e bandas que são classificados pelos seus ouvintes (e até na maioria das vezes hierarquizados) de acordo com o som, as letras, posturas e idéias de um determinado período histórico.

O certo é que:

“o rock tem um alcance mundial. Ele passa por muitos lugares, vindo de longe, e lá entra em contacto[sic] com os ritmos autóctones, transtornando-os, de toda forma modificando um equilíbrio anterior, inoculando sempre um estrangeirismo numa suposta genuinidade original. Música pode ser ouvida nos mais diferentes cantos do mundo (e entendida, sentida, desejada) – uma prodigiosa gíria universal. Marcadamente jovem, é uma *youth culture* que articula essa língua, internacionalmente. Assim, em seu percurso, o rock é quase sem origem, ele funciona mais como um hino mesmo dos jovens, música do planeta Terra. Com isso, o rock tem de princípio, uma função política: ao impor essa estranheza em qualquer lugar. Em vários momentos de sua passagem, contudo, uma situação de comércio e capitalização diluiu essa potência, banalizando-o, fazendo dele mera mercadoria vendável, moda, onda (CAIAFA, 1989, p.11).

Desde os requieiros de *Elvis Presley* até a voz gutural que canta letras, cujo conteúdo evoca decomposição de corpos e destruição do mundo, o que se vê é um estilo musical voltado para a juventude, cujos elementos que o consolidaram advêm de uma

“cultura de massas, passando, naturalmente, a funcionar segundo as leis do mercado. Apesar disso, ela procurou também diferenciar-se através da revolta, da dissidência social e política e, paradoxalmente, através da ‘recusa ao consumo’. Em seu interior, passou a existir uma parte ‘integrada ou integracionista’ e uma outra em que a ‘destruição supera o consumo’ e que está

---

<sup>3</sup> O historiador Paulo Chacon em seu livro *O que é Rock*, cita a partir do estudo de Carl Belz que o Rock tem influência de três campos musicais, a saber: pop music (anos 40, originada da classe conservadora e branca), rhytm e blues (dos negros) e o country e western music. São três influências que já anunciavam o quanto o estilo seria diversificado.

junto da violência, das drogas, da contestação política e social” (MORIN,1986,p.23 ).

Nos shows, os jovens que lá freqüentam (sejam eles pertencentes ou não a bandas), expressam através da música, vestimentas, gestos, adereços e tatuagens uma forma de se diferenciarem dos demais; é um estilo constantemente construído e (re)construído por eles, conforme as modificações vivenciadas pelo rock ao longo de seus 54 anos de existência.

E esses elementos que constituem essa forma de ser, têm no corpo, seu suporte fundamental para registro. O corpo, ao longo do caminhar humano pela face da terra, tem sido um de seus principais terrenos para a sobrevivência. É por meio dele que nos movimentamos, expressamos nossas necessidades e representamos nossas instituições coletivas. O corpo não é apenas um elemento orgânico dotado de sentimentos, emoções e capaz de realizar atos. O corpo é também um acontecimento construído dentro da cultura na qual está inserido.

Marcel Mauss (1974) já diria em *As técnicas corporais* que o corpo aprende e é cada sociedade específica em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina. E, no que ensina o corpo, nele se expressa. E essas formas de expressar estão no andar, dormir, vestir, dançar, gesticular e olhar.

Nada melhor que o corpo para uma análise antropológica. É o corpo quem dá rosto ao homem e a vida se constitui pelo corpo e os símbolos que sobre ele são construídos. É o “tratamento social e cultural que é dado a esse objeto[o corpo], as imagens que dizemos densamente escondidas, os valores que o distinguem nos falam também da pessoa, das variações que essa definição e seus modos de existência conhecem de uma estrutura social à outra” (LE BRETON, 1990,p.2).

Cada grupo social desenvolve um saber sobre o corpo. As categorias que possibilitam esse desenvolvimento advém das “experiências pelas quais o corpo passou”. E essas experiências têm a ver com o período histórico e com os valores atribuídos pela sociedade no referido momento. Se, nas chamadas “sociedades primitivas”, o corpo não se distinguia do indivíduo, ou seja, falar do corpo era falar da pessoa, na sociedade moderna, tem-se uma outra visão do corpo.

No mundo moderno ocidental, da velocidade, da disciplina e da informação, o corpo

“implica na ruptura do sujeito com os outros(. . .) com o cosmos (as matérias-primas que compõem o corpo não possuem nenhuma correspondência fora disso), consigo mesmo (Ter um corpo mais que Ser um corpo) (. . .) o corpo é então o signo do indivíduo, o lugar de sua diferença, de sua distinção e ao mesmo tempo paradoxalmente, ele é freqüentemente dissociado de si, devido à herança dualista [corpo e alma] que pesa sobre sua caracterização ocidental”(LE BRETON, 1990, p.3-4).

O estilo corporal é a maior ruptura que o rock nos trouxe. Este congrega todos aqueles que se decidem iniciar na audição desse tipo de música, formas de andar, vestir e se movimentar, conforme já descrevi anteriormente. O corpo torna-se uma extensão dos ideais de rebeldia, contestação política, social e religiosa que o rock sempre apregoou.

Assim, o corpo funciona como superfície de escrita cuja lei, no caso da pesquisa - o estilo musical - nele será escrita. Ao ser inscrita no corpo, a lei marca as diferenças que o grupo deve reconhecer e/ou estabelecer. E essas diferenças podem ser de sexo, posição social, idade, forma de vestir ou forma de se comportar.

Pierre Clastres (1978:128) diz que “as sociedades sem escrita escrevem no corpo as suas leis. Imprimem suas marcas nos corpos, porque o corpo é uma memória: espaço e tempo. Quando nos rituais de iniciação, um jovem passa à idade adulta, é no e através de seu corpo que se marca a passagem”. Para ele, o *ethos* tribal é escrito nos corpos individuais, para que definitivamente não se esqueça que o indivíduo é membro da comunidade. Diz ele: “. . . pois o problema é não perder a memória do segredo confiado pela tribo, a memória desse saber de que doravante são depositários os jovens iniciados ( . . . ) A marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo: ‘És um dos nossos e não te esquecerás disso’ (CLASTRES, 1978, p.128 ).

No início da década de 50, na Grã-Bretanha, muitos jovens provenientes das classes operárias organizavam-se em gangues consideradas briguentas e ouviam rock-and-roll. Eram chamados de *teddy-boys* e tinham uma estética corporal que expressava revolta, agressividade e desprezo para com os padrões impostos pela sociedade.

Assim como os *teddy-boys*, “os mods [ um tipo de grupo de jovens que se tornou atuante a partir da década de 60, na Grã-Bretanha ] rodavam pelas ruas, bem vestidos, em suas lambretas, e contrastavam com os *rockers*, que ostentavam, orgulhosos, seus blusões de couro e tentavam se aproximar do estilo assumido pela gangue de motoqueiros americanos “*hell’s Angels*” (COSTA, 1993,p.25).

Foram esses grupos que influenciaram o surgimento de novos personagens no cenário juvenil, a partir da década de 70 (e até os dias de hoje), entre eles punks e “metaleiros”. Estes, com um visual, mais do que nunca, associado ao estilo musical, o Rock, mais especificamente, as subdivisões – *Punk*, *Death* e *Thrash Metal* – pelas quais estava vivenciando. Assim, as bandas e os jovens que passavam a manter relações com esses gêneros musicais passaram a desenvolver uma estética que, ao longo do tempo, foi sendo adaptada, elaborada e reelaborada, conforme as transformações que os estilos vivenciavam e ainda vivenciam.



Após as incursões pelos shows de rock na cidade, o encontro com Batista e as constantes visitas à ACR, uma luz pairava sobre as pequeninas peças do “quebra-cabeça”. Percebi que minhas observações conduziam-me a um recorte empírico em torno do estilo corporal. E isso inclui gestos, adereços e vestimentas entre os integrantes de, pelos menos, duas bandas.

Esses procedimentos me possibilitaram perceber a heterogeneidade na música do rock, tanto no estilo de ser tocado e cantado, como também, nas formas como as bandas e os frequentadores se vestem, gesticulam e se adornam.

Após descobrir a ACR, minhas visitas tornaram-se frequentes nas reuniões - às segundas-feiras. Por intermédio de Batista e Amaudson, aos poucos fui interagindo com o grupo e, sempre quando tinha oportunidade de conversar com algum associado, indagava sobre a banda da qual ele participava.

Cada reunião na ACR significou para mim uma descoberta acerca de quais grupos iria estudar. Quando nas reuniões, observava o quanto aqueles jovens gesticulavam quando falavam em muitas ocasiões. Passava-me a idéia de que eles iriam a um show, já que os gestos, vestimentas e adereços se pareciam com o que eu havia percebido nos shows.

Enquanto isso, no curso de Ciências Sociais, eu já era conhecida como a “Abda do Rock”. Ao vestir roupa preta, usar correntes e brincos de metal e afirmar que ouvia *Sepultura*, *Antidemon*, *Metallica*, consolidaram-se minhas características “roqueiras”, como também, o olhar “avesso” por parte de muitos professores e companheiros de sala que não entendiam o porquê do meu interesse por esse estudo. Por muitas vezes ouvi perguntas do tipo: “você vai estudar Rock...mas, roqueiro não tem nada pra ser estudado”? Foram poucos aqueles que entenderam o porquê eu tanto me interessava nesse estudo. Além de minha experiência com esse tipo de música, o objetivo maior é tornar inteligível à comunidade acadêmica e à sociedade este estudo sobre um tipo de manifestação juvenil que se utiliza do corpo para representarem para si e para os outros as preferências pessoais e musicais, os gostos, a crítica social e a auto-afirmação de jovens “metaleiros” pelas cidades .

Quando os associados da ACR aproximavam-se de mim, indagavam-me sobre minha pesquisa que, segundo eles, serviria (entre outras coisas) para que as pessoas percebessem os “roqueiros” fora da trilogia “sexo, drogas e rock´n´roll”. Foi através dessas aproximações que conheci as bandas *Obskure* e *Clamus*.

Primeiramente, conheci a *Obskure*, banda da qual o presidente da ACR, Amaudson Ximenes, é guitarrista e um dos fundadores. Fundada em 1989, pelos irmãos Amaudson e Jolson Ximenes (baixista), a banda executa um tipo de rock chamado *Death Metal*.

*Death* significa morte, falecimento. Conta-se que foi a banda *Black Sabbath*, nos anos 70, uma das grandes influências na constituição desse tipo de rock. Utilizando-se da estética negra, monstros e letras que se referiam à bruxaria e terror, o *Black Sabbath* que tinha à frente o vocalista *Ozzy Osbourne* (chamado por muitos de "louco satanista") influenciou bandas internacionais como *Venom*, *Obituary*, *Deicide* e *Burzum*. Além da banda *Black Sabbath*, o *Death Metal* recebeu influências do *hardcore* (a levada acelerada da bateria) e o estilo faça-você-mesmo do *punk*. Por outro lado, trouxe algumas inovações, como por exemplo, a voz gutural nos vocais e o uso de símbolos como cruzes de cabeça para baixo, cabeças de bode e cruzes de cinco pontas negando toda e qualquer tipo de religião, principalmente o cristianismo. Nos shows, os frequentadores e ouvintes desse tipo de música "batem cabeça" de acordo com o ritmo da música. Quanto mais acelerada a batida mais os pescoços se contorcem e, a cada final de música, acenam em direção ao palco com o dedo indicador e mindinho levantados em formato de chifre.

O primeiro disco de *Death Metal* foi o do *Venom* que, por sua vez, utilizava nomes de deuses e anjos retirados da mitologia grega, como por exemplo, *Cronos*, *Mantas* e *Abbadom*. O disco se intitulava *Welcome to hell* (bem-vindo ao inferno). Em 1982, o *Venom* teve seu nome consolidado no mundo do Rock, chegando a influenciar a banda brasileira *Sepultura*. Enquanto isso, o *Death Metal* crescia na Suíça, Dinamarca, Suécia, Holanda e Alemanha, sendo que a primeira banda alemã de *Death Metal* foi a *Hellhammer*. Contudo, a primeira banda a ser chamada de *Death Metal* foi a *Death* que, durante os anos de 1984 e 1985 se consolidou com duas demo tapes (fitas cassetes), a saber: *Reign of terror* e *Infernal Death*. Na América, a banda *Possessed* conseguiu difundir o *Death Metal* de tal forma que, na metade dos anos 80, esse tipo de música conseguiu se comercializar um pouco, favorecendo um contrato da banda alemã *Kreator* com a Sony Music.

Desde os anos 80 até hoje, o *Death Metal* é o tipo de rock que mais cresce, principalmente no Brasil. A quantidade de bandas que surgem em nosso país reflete o quanto esse tipo de música se perpetuou, como também, as transformações nas formas de cantar e compor. O que antes era conhecido como música que só falava em "diabo", transformou-se em protesto social, muitas vezes cantado com voz melodiosa e não apenas com voz gutural.

Assim, surge a *Obskure*, no bairro do Parque Araxá, zona oeste de Fortaleza. Segundo Amaudson Ximenes, a *Obskure* "veio intranquilizar dos comodistas aos preconceituosos, ou mesmo, perturbar desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários". Contando com Amaudson nas guitarras, Jolson no contrabaixo e Wilker D'Angelo na bateria, a *Obskure*, hoje, passa por uma modificação para a função de vocalista. Antes, passaram por essa função,

Paulo André, Juliana e Daniel Boyadjian que por motivos pessoais se retiraram da banda. Lucas Gurgel e Fábio Barros, respectivamente vocalista e tecladista, ocupam os lugares temporariamente.

Os integrantes da *Obskure* possuem faixa etária que varia entre 23 a 33 anos e contam, em certas ocasiões, com a ajuda financeira da família. Amaudson Ximenes é mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Jolson Ximenes é músico profissional e toca em uma banda de pop rock chamada *Alegoria da Caverna* e de vez em quando é convidado para dar aulas de música em Organizações Não-Governamentais(ONGs); Wilker D'Angelo trabalha em uma loja construindo instrumentos de cordas, percussão e sopro. Fábio Barros é advogado e presta assessoria jurídica para a ACR.

O som da *Obskure* se caracteriza por uma bateria que alterna velocidade e técnica, guitarras com distorções e melodias soturnas. As músicas são cantadas em inglês e o conteúdo das letras são críticos em relação aos paradigmas sociais contemporâneos. Tais características, possibilitaram a *Obskure* participar de algumas coletâneas, como também, no CD "The emptiness spectacle", lançado em 2001, contou com a participação de Alex Camargo(baixista e vocalista de uma das maiores bandas de *Death Metal* do mundo – o *Krisium*) nos vocais.

Ao todo, a *Obskure* produziu três fitas cassetes, as chamadas demo-tapes, possui cinco participações em coletâneas e dois CDs individual lançados. São estes os trabalhos: Uterus and Grave(1990), Opressions in Obscurity (1992), The Singing of hungry (1993), The Winds of a nem millenium (faixa 1, 1995), Atitude (faixa 1, 1997), Noise for Deaf (faixa 12, 1999), Planet Metal (faixa 6, s.d), "O progresso da regressão" no Fashion HxC Rec (2000) e Unidos pela causa underground (2002) pela Independência Rec. Os Cds individuais são: Overcasting (1998 e relançado em 1999) e The Empitness Spectable (2001). Em 1996, antes do lançamento do Overcasting, lançaram uma promo-tape que continha algumas músicas que seriam lançadas no CD.

Dez anos mais tarde, ou seja, em 1999, surgiu a *Clamus*. E surgiu em torno do Parque Araxá. Nome de origem latina, *Clamus* significa clamor, bradar. Em março de 1999, Lucas Gurgel e Joaquim Cardoso nas guitarras e vocais, Rodrigo Rocha no baixo e Wilker D'Angelo na bateria integram a banda que apresentava um vocal agressivo/melódico e outro gutural, apresentando-se, assim, em eventos na cidade de Fortaleza.

Em novembro de 1999 e já em fase final de gravação do primeiro trabalho, Rodrigo Rocha sai da banda sendo substituído por Carlos James que também assume os vocais. Com a finalização das gravações, o som da *Clamus* é um outro tipo de rock – o *Thrash Metal*. O conteúdo das letras desse trabalho se refere a comportamentos sociais, econômicos, políticos e

religiosos, expressando, assim, a postura crítica. O material foi divulgado através de fanzines, lojas e shows no interior e na cidade. Vale ressaltar os shows no Araturi Fest em 2000, a II Mostra de bandas de Rock do Ceará no Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura, o festival “Brasil: com o Rock são outros 500” e o ForCaos em 1999.

Após a repercussão desse trabalho, a *Clamus* é convidada a participar da coletânea *Chaos Compilation* na qual participaram nove bandas de todo o Brasil. Contudo, em Outubro de 2000, o baterista Wilker D’Angelo também deixa a banda, fazendo com que a *Clamus* pare suas atividades por alguns dias, até que Clerton Holanda fosse selecionado para tal função.

Na *Clamus*, temos uma faixa etária que varia entre 19 a 26 anos e, como na *Obskure*, pertencem a famílias que em certas ocasiões ajudam financeiramente a banda. Lucas Gurgel é estudante de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e de língua francesa na Universidade Federal do Ceará (UFC); Joaquim Cardoso é professor de inglês no Fisk e dá aulas particulares do mesmo idioma. Além disso, faz “bicos” na área de designer e é estudante de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Clerton Holanda é estudante de Geografia na Universidade Federal do Ceará (UFC) e realiza estágio no Centro de Referência do Professor na área de licenciatura com educação informatizada para crianças, jovens e adultos. Carlos James é formado em Contabilidade, no entanto, atua na área de Publicidade. Iniciaram, todos eles, suas trajetórias ouvindo a música do rock quando eram adolescentes, exceto Clerton Holanda que não gostava de música.

Contudo, a entrada de novos integrantes levou a banda a mudar sua forma de cantar, compor e se apresentar. O resultado disso é o CD-demo lançado em 2001 e que leva como título o algarismo romano II. Em 2003, participa da coletânea *Warriors of the Morbid Moon*, volume 2, lançada pelo selo musical Moondo Records de Pernambuco. A *Clamus* hoje é definida com um som do tipo *Thrash-death metal*; canta em três idiomas – inglês, francês e português e conta com três vocalistas, a saber: Lucas Gurgel, Joaquim Cardoso e Carlos James<sup>4</sup>.

*Thrash* significa pancada, batida, em virtude do modo como os frequentadores e bandas se comportam nos shows.

“O Thrash metal marcou um importante momento (...) [pois] ele trouxe de volta a postura agressiva e desafiadora dos primeiros anos[ no Rock e] proporcionou mudanças estéticas e musicais (...) do punk, seu primo mais próximo, vieram as idéias revolucionárias de mudança e o estilo faça-você mesmo (as emergentes bandas de thrash não dependiam de gravadoras para lançar seus discos e criavam seus próprios selos, meios de distribuição e divulgação). Do

---

<sup>4</sup> Essas informações me foram cedidas por Amaudson Ximenes e Lucas Gurgel através de arquivos das bandas *Obskure* e *Clamus*, respectivamente.

hardcore, a levada acelerada, principalmente da bateria. Do Rock dos anos 70 (. . .) as longas introduções e durações das músicas. E do Death as inspirações sombrias para as letras. . .”(LEÃO, 1997.p.153-155).

Agora, é importante ressaltar que da fusão do punk com o rock progressivo, uma outra característica veio surgir para as bandas de *Thrash*. Estou me referindo ao padrão *mosh*. Definindo, *mosh* é “um estado de espírito, um estado de euforia, que o [indivíduo] alcança após se dedicar longo tempo a audição (ou shows) de música thrash” (LEÃO, 1997.p.155). Mas o *mosh* não é apenas esse estado de espírito pelo qual essas pessoas passam. Ele inclui os *stage dives* (chamados pulos de palco e que é uma herança do punk), o modo como a platéia se bate um contra o outro, a roda “indígena” hardcore e os cabelos compridos para “captarem” as ondas sonoras.

“ O mosh se instala progressivamente na cabeça de seus condutores, como um estado de transe que se alcança aos poucos. Ele começa com as introduções, padrão das músicas thrash; então desenvolve-se um processo progressivo de aceleração até, de repente, chegar ao seu clímax, quando então a música torna-se violentamente rápida(. . .) e as cabeças começam a bater cada vez mais rápido, os pescoços a se contorcem mais e mais e os longos cabelos sacudirem freneticamente, até que se atinge o estágio de mosh”(LEÃO, 1997.p.155).

Após os primeiros contatos com os integrantes das bandas *Obskure* e *Clamus*, dediquei-me à audição de um dos CDs-demo da última. Cheguei também a assistir vídeos cujas imagens apresentavam shows da *Obskure*, principalmente no Ceará. Ao investigar o som, suas características e as imagens dessas bandas, decidi investigar qual a relação do *Metal* com os gestos, adereços e vestimentas, a partir do som e do estilo corporal apresentados pela *Obskure* e pela *Clamus*.

## Capítulo 3

### Procedimentos em campo

*“ . . . toda actividad cultural es experimental ( . . . ) el trabajo de campo es un tipo específico de actividad cultural, y que es precisamente esta actividad la que define la disciplina[la Antropología]”.*

*Paul Rabinow*

Os dados até aqui apresentados contribuem para uma desnaturalização do que sejam os “metaleiros” e o comportamento apresentado pelos mesmos. O que muitos pensam como algo natural, ou, que todo “metaleiro” é alguém que não se interessa pelos estudos, não trabalha e em todas as ocasiões estão envolvidos em drogas, desfaz-se a partir desta investigação.

Isso se deve ao fato de que se pudermos falar em um “encantamento antropológico”, eu diria que tal encantamento reside no fato de que a antropologia possui como objeto de análise o próprio homem. Ela pertence a todo o mundo, pois ela diz respeito a todos nós (LAPLANTINE, 1994, p.20). Ainda continuando com as palavras do mesmo autor, ele afirma que a abordagem antropológica provoca, assim, uma verdadeira revolução epistemológica que começa por uma revolução do olhar. Ela implica um descentramento radical, uma ruptura com a idéia de que existe um “centro do mundo”, correlativamente uma ampliação do saber e uma mutação de si mesmo (LAPLANTINE, 1994, p.22-23). Além disso, é como se essa revolução do olhar significasse “um olhar rápido que não se fixa, uma vista d’olhos, um olhar que ‘erra’ para acertar com essa sua esquivã”(CAIAFA, 1989,p.104).

Para mim, a referida revolução iniciou-se a partir do momento em que as primeiras observações foram realizadas e os primeiros diários escritos. Um olhar que adveio do entendimento de que é o “feedback entre pesquisa e teoria que nos permite conceber que não existe fato social independente à totalidade da qual ele faz parte” (PEIRANO,1995,p.16). No caso de uma abordagem antropológica, a mesma autora afirma que o que existem são “fatos etnográficos”, salientando que houve seleção no que foi observado e interpretação no relato” (PEIRANO,1995,p.17).

Como o propósito desta investigação reside na busca das primeiras respostas a respeito da relação entre o Metal e o estilo corporal apresentado pelas bandas em seus shows, necessário era que eu saísse, pelo menos por alguns meses, do reduto da ACR e iniciasse os trajetos pelas apresentações de *Obskure* e *Clamus*.

Os shows significam não apenas os lugares da festa dos ``metaleiros``, como também, o lugar do entretenimento e da construção dos laços de sociabilidade entre eles. Além disso, os shows contribuem para que muitos se sintam “mais verdadeiros”, tal como me afirmou um dos integrantes da *Clamus*. É o lugar onde se esquece a agitação do dia-a-dia e se compartilha assuntos de interesses comuns, no que se refere a bandas, músicos, instrumentos, outros shows etc.

No caso dos jovens apresentados neste trabalho, costumam, também, estarem sintonizados não apenas com os lugares onde se realizarão os eventos ou com as bandas que irão se apresentar. Procuram saber quem são os produtores e se organizam de forma que sempre se encontrem com os amigos, sejam eles integrantes de banda ou não.

Tais comportamentos puderam ser observados, logo quando comecei a freqüentar as primeiras apresentações da *Obskure* e da *Clamus*. Vale salientar que esses shows não ocorrem com tanta freqüência na cidade de Fortaleza, em virtude das dificuldades de se ter um espaço para eventos do tipo e condições financeiras desfavoráveis.

Contudo, freqüentei 4 shows da banda *Obskure* e 4 shows da banda *Clamus*, incluindo um que foi realizado na cidade de Sobral, município cearense, localizado na zona Norte do Estado, ao qual viajei com a banda no dia 18 de Outubro de 2003. As atividades etnográficas consistiam em observar a performance corporal dos integrantes das bandas referidas, para, em seguida, ao chegar em casa, descrever minuciosamente, em um diário de campo, cada detalhe relativo à roupa, cabelos, gestos e adereços utilizados pelos mesmos. Descrevi também a relação no palco dos músicos entre si e com a platéia.

Para esta monografia, foram selecionados dois shows de cada banda, a saber: *Obskure* no Hey Ho Rock Bar e do Forcaos 2003 no Metrópole Shows; *Clamus* no Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura(CDMAC) e do Forcaos 2003 no Metrópole Shows. Ambos realizados em 2003.

  medida que ia aos shows, passava a ser mais conhecida pelos integrantes das bandas. No início, mostraram-se desconfiados com minha presença. Entretanto, quando começamos nossas primeiras conversas sobre a história da banda, resenhas e comentários sobre as fitas cassetes e CDs gravados por eles e divulgados em revistas especializadas em Metal ou em fanzines e webzines, vieram os convites para assistir aos ensaios e os avisos prévios sobre a programao de cada banda.

Em novembro de 2003, voltei a estar mais freqüente nas reuniões da ACR. Além disso, alguns dos integrantes das bandas começaram a me indagar sobre as entrevistas para a pesquisa. Segundo eles, tinham muitas histórias para me contarem sobre as experiências

vivenciadas no universo do Metal.

Para mim, que, logo no início, os achava demasiadamente reservados e ásperos (em muitas ocasiões de tratamento) estava sendo conduzida pelos próprios a fazer entrevista. Com o passar dos meses e percebendo que eu não me dispunha a fazer entrevistas, eles começaram a me contar algumas de suas experiências musicais. Quando nos encontrávamos nos *points* noturnos da cidade, aos finais de semana, sempre surgia uma ou outra experiência a ser contada. Por muitas vezes, alguns deles telefonaram-me a fim de me contar sobre os projetos da banda.

A partir daí, decidi entrevistá-los. Pensei, então, que pergunta lhes faria. Não adiantava chegar para um deles e dizer: "Agora me diga o que você pensa da relação entre o que você toca e o que você faz no palco". Seria o mesmo que, diz Evans-Pritchard, dizer para um Zande: "Agora me diga o que vocês Azande pensam da bruxaria". Trata-se de um tema amplo e demasiadamente vago quando se trata de pessoas cuja "resposta é a ação, não a análise" (EVANS-PRITCHARD, 1978, p.70).

Então, adotei os seguintes critérios: as indagações se refeririam à trajetória individual de cada um dentro de estilo a que se dedica, perpassando as questões de preferências musicais e de que forma essas preferências alteraram o visual de cada integrante.

Assim, ao longo de duas semanas realizei 7 entrevistas, ou seja, todos os integrantes foram entrevistados. Aquelas se davam ou nos estúdios de ensaio das respectivas bandas ou, como no caso de Lucas Gurgel e Clerton Holanda, realizou-se no 2º andar da biblioteca do Centro de Humanidades na Universidade Federal do Ceará.

Muitas das respostas foram dadas em silêncio. A ausência da palavra, o movimento do cabelo, a inclinação dos ombros para frente, o auxílio do violão, a cabeça baixa ou as pernas, que não paravam de se movimentar demonstrando inquietação e/ou ansiedade, revelaram muitas afirmações que aqui são apresentadas.

Assim, a experiência de campo me deu a oportunidade "de conhecer de dentro uma prática social concreta, estudar um grupo a partir de uma experiência com ele, participar dos momentos de atualização de seu funcionamento" (CAIAFA, 1989, p.23). Estes encontram-se nos capítulos que se seguem, acompanhados de suas respectivas reflexões.



## Capítulo 4

### Trajetórias de estilos: música e corpo

*“...o visual é reflexo das nossas experiências de como a gente adquire elas”.*

*Lucas Gurgel (guitarrista e vocalista das bandas Clamus e Obskure)*

10/05/03

Marcamos meu primeiro contato com a banda Clamus para o dia 02/05/03, sábado, no período da tarde por volta das 16h. Lucas havia me falado que, nesse dia, seria o último ensaio da banda antes de participar do evento “Pôr-do-som especial” que se realizaria no dia 10/05/03 no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado no bairro Praia de Iracema, zona norte de Fortaleza. Reservo-me aqui de descrever o ensaio da banda, optando pela descrição do show.

Adentrei às portas do Anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura por volta das 21hs. Antes de tomar as acomodações devidas, perpassei o olhar ao meu redor e vi que ali tinham pouquíssimas pessoas. Penso que o ingresso cujo preço (exigido pela bilheteria do Centro) equivalia a R\$ 8.00 (inteira) e R\$ 4.00 (meia) foi um dos motivos para que o show de abertura da 5ª edição do Forcaos 2003 (o maior festival underground do nordeste que é promovido pela Associação do Rock – ACR) não fosse frequentado como se esperava. As bandas que participaram desse show foram: *Slápide*, *Havana*, *Benihana*, *Clamus* e *Diagnose*. Dessas, a única banda de Metal era a Clamus. Por ordem de sorteio realizado pelo dirigente da ACR, Clamus foi a última banda a tocar e o relógio já marcava um pouco mais de 22h quando a banda ocupou o palco para a apresentação.

Entre uma banda e outra havia um breve intervalo para que a banda anterior desocupasse o palco com seus instrumentos para que a banda seguinte realizasse os devidos ajustes com guitarras, baixo e bateria e, assim, iniciasse a apresentação. Entre Benihana e Clamus, o intervalo se estendeu por quinze minutos. É interessante observar o quanto o som executado pelas bandas de metal reveste-se de pedaleiras, distorcedores, amplificadores e pedais necessários à execução daquilo que eles denominam “porrada de som”.

Assim se sucederam os minutos antes da Clamus tocar. O que era para ser uma rápida passagem entre uma banda e outra demorou cerca de 15 minutos. Acerta daqui, ajusta dali. Lucas liga a guitarra na caixa; tem de ouvir a afinação e as distorções se estão “oks”.

Joaquim, o outro guitarrista tem de ouvir também para checar se o som está bom para sua guitarra. Agacha-se junto à caixa de som; controla o volume; pede para que baixem um pouco e aí tudo ``parece`` estar certo com a guitarra dele. Carlos não tem tantos problemas. Só umas notas aqui e outras ali e tudo já está perfeito no contrabaixo. Clerton tem um pouco mais de trabalho com a bateria. Chimbal, ajuste de pratos, pedal, bate aqui, bate ali, a haste não quer sustentar o prato de condução, enfim, são esses os obstáculos que impedem o início do show. Clerton quer tocar. Não pode. Joaquim quer começar. Não dá. Lucas está ansioso. É impossível não estar. Carlos está aparentemente tranquilo. Bom. Depois de tanta demora em decorrência dos ajustes, parece-me tudo bem. Só parece. A chuva retira as pessoas das arquibancadas e os leva para junto do palco. É uma euforia. Tudo muda. Não só o clima (temperatura), mas também o clima do show.

Todas as pessoas ficam junto do palco. Carlos vai ao microfone e diz: ``nós fizemos um contrato com São Pedro``. Junto ao palco é um sincretismo de corpos. Corpos que se preparam para se libertarem. Exibirem-se. Corpos, alguns deles tomados pelo álcool, como por exemplo, o de um moço que aparentava 40 anos e vestia uma camisa preta com foto e o nome de Ozzy Osbourne; vestia também calça preta apertada; usava botas pretas e tinha cabelo loiro, longo, repicado. Meu corpo também não resiste. Estou junto ao palco. Depois de assistir ao ensaio da Clamus, precisava ver o show deles. Pois bem. Joaquim direciona o corpo a Clerton e o olha. Lucas está do outro lado do palco aguardando a hora dos primeiros *riffs* (que é uma seqüência de notas). Carlos está no centro do palco à frente de Clerton. Com um olhar e os primeiros *riffs*, Joaquim anuncia o início dos 25 minutos de thrash-death metal da Clamus. Tudo estremece.

Os corpos se contorcem à sombra do jogo de luzes. Lucas veste calça preta frouxa e camisa cinza escura larga e com mangas até metade do braço; calça sapatos tênis claro; aos primeiros *riffs* de sua guitarra seus cabelos pretos e lisos ``voam`` junto com as ondas sonoras. A voz assemelha-se a um filme de terror. Não se compreende muito do que ele fala. O importante é o som. É o som que leva o corpo de Lucas a inclinar-se e declinar-se constantemente e intensamente. É uma cabeça que não pára de se movimentar ao som daqueles *riffs*. É um olhar ``malvado`` que permite que sua música e seus *riffs* possibilitem o ``bater cabeça`` de várias pessoas da platéia. No centro, Carlos que veste calça preta frouxa e camisa preta com detalhes brancos, calça sapatos tênis preto e não possui cabelo longo. Carlos também movimentava o corpo, não com tanta intensidade como Lucas e Joaquim. Participa dos vocais e ficou neste show com a cabeça um pouco baixa e sem encarar o público, tal como fez Lucas e Joaquim. Clerton na bateria está sempre de cabeça baixa com os ouvidos atentos no

ritmo. As batidas rápidas e fortes e as velozes passadas exigem do seu corpo não apenas harmonia para com os movimentos, mas, também, atenção. São movimentos de braços e pernas que em muitos momentos o olhar não consegue acompanhar.

Clerton veste camisa preta de manga até metade do braço, bermuda preta e calça tênis preto com meias brancas. Seu cabelo é curto, preto e liso e o corte é tipo surfista. O peso, a força e a velocidade das músicas se colocam à medida que Clerton, colocando o pé esquerdo no chimbau e o direito no pedal, toma as duas baquetas e “desce o braço”, como dizem os bateristas. Joaquim, mesmo de estatura baixa (tal como Clerton e diferentemente de Lucas e Carlos) tem cabelos pretos, longos e ondulados sobre os ombros. A cada descida e subida da cabeça, o cabelo “voa” e se torna volumoso. A voz que Joaquim impõe, mesmo não sendo como a de Lucas, arrepiam o corpo. É o agudo afônico e veloz do Death/Thrash metal. Joaquim veste calça cinza escura e frouxa, camisa preta com o nome da banda; calça tênis azul com branco; usa bigode e seus cabelos atingem à altura da cintura. O som embala o corpo e Joaquim chama o público para também adentrar nesse embalo. Seu corpo não pára. Os músculos de sua face contraem-se e relaxam a cada frase da música que canta. Lucas não se esforça tanto para que sua voz soe grave. A contração e relaxamento de seus músculos são menos intensos que em Joaquim, cuja parte superior dos lábios encobrem os dentes superiores frontais. Quando falou sobre o trabalho que as bandas do underground cearense fazem mencionou a dificuldade que é fazer Metal no Ceará, mas, também, do esforço das bandas em fazerem músicas próprias. O intalo na garganta, a falta da palavra para expressar a felicidade que está sentindo naquele momento, são expressos pelos gestos. E esses gestos vêm do olhar: olhar de ânimo, coragem e felicidade fixados no público. Joaquim complementa as palavras de Lucas: “é isso aí véi, agora a gente vai tocar mais uma música do nosso 2º EP que a gente fez batalhando muito”. E aí vêm mais riffs e mais batidas de cabeça. A essa altura o corpo já está em frenesi. Já não se suporta ouvir um riff ou batida daquela e ficar parado. Joaquim, no intervalo das duas músicas seguintes, oferece para dois amigos: Dedé e Zeli.

A cada música é um aplauso. Aplauso dos que estão dentro do Anfiteatro e dos que estão lá fora. Dois momentos ainda devem ser registrados: o primeiro é quando Lucas, ao som do trecho da música *Leave us Alone* “uma forma de libertar é repudiar a invasão”, ele abre os braços à altura dos ombros, ergue a cabeça e fecha os olhos. Parece entrar em transe ao ouvir o som. O segundo momento refere-se as expressões faciais apresentadas por Joaquim. Ele sempre fixa os olhos no público. O olhar de “malvado” faz com que os dois garotos que estão à sua frente fiquem fissurados em sua performance e nos *riffs* que ele executa na guitarra. O corpo de Joaquim é só movimento. Seus olhos apertam-se e aproximam-se um do

outro; sua testa franje e impulsiona força para o movimento dos olhos; a cada parte vocal dele é sempre assim; minutos depois ele está fazendo o solo da música. Faz não apenas com a guitarra. Faz também com a boca. Com a boca aberta, move de um lado para o outro a mandíbula, conforme é o solo. Não dá para eu ouvir se ele emite ou não sons. Uma coisa é certa: parece ser o som da guitarra insuficiente. Ele quer que a boca também o ajude, nem que seja através de movimentos. Olho para o seu braço direito. Estão suados. Parece algo em ebulição. O corpo permite isso. A música possibilita. Lucas agradece a todos pela presença no evento.

\* \* \*

14/06/03

Passou-se um mês e alguns dias. O Obskure toca hoje no Hey Ho Rock Bar na Praia de Iracema, na abertura do show da banda brasileira de Death Metal, *Nephast*, do Rio Grande do Sul. O Hey Ho Rock Bar fica na rua José Avelino, 604, ao lado do Centro Dragão do Mar. O bar recebe esse nome em homenagem a uma música da banda punk *Ramones*, 1977. Antes de chegar no referido bar, necessário é que se passe em frente a boates e restaurantes que ficam entre o Centro Dragão do Mar e o Hey Ho Rock Bar. Tomando como referência a boate Armazém que fica na esquina da rua que separa o Centro e o Hey Ho, temos, em seguida, um local que ainda está em construção, depois uma igreja evangélica chamada Revival, a boate e danceteria Órbita, o restaurante italiano Bonelli e aí chegamos na rua José Avelino onde fica o Hey Ho.

Nesta rua, na esquina, temos o bar e restaurante Docas e as demais construções são espécies de casas abandonadas com paredes sujas e mal conservadas. Por todo esse percurso, percebe-se as barracas de bebidas, pipoqueiros, taxistas, tendas de lanches e vendedores de balas que por ali transitam, fora o trânsito de carros e ônibus que por ali passam.

Quando se caminha por essa rua, percebe-se que ela é mal iluminada, exceto em frente ao Hey Ho. Por isso, quando se desce do ônibus, vêem-se sempre os frequentadores dos shows em grupos e, foi assim, que os acompanhei até o local. Em frente ao Hey Ho, já havia muitas pessoas esperando a abertura dos portões do local. Agrupam-se em turmas de amigos ou conhecidos. Alguns ficam sozinhos. Eles vestem-se de preto, camisas de bandas as mais variadas, tipo: *Blind Guardian*, *Cannibal Corpse*, *Krisiun*, *Obskure*, *Clamus*, *Diagnose*,

*Angra, Shaman, Iron Maiden*; adornam-se com pulseiras pretas com pontas de metal ou correntes de metal no pescoço ou com cruzes como pingente de colar.

Alguns são muito sérios de fisionomia; outros sorriem e abraçam os amigos quando se reencontram. As meninas que estavam por lá, grande parte delas, acompanhavam seus namorados; outras acompanham seus amigos e existem aquelas que na hora do show ficam junto ao palco "batendo" cabeça. Geralmente elas calçam sapatos altos, usam meia-calça preta, batom roxo ou preto nos lábios, lápis e sombra preta nos olhos e os cabelos estão sempre soltos. Algumas usam camisas de tecido (tipo organza) de mangas longas ou até a altura do antebraço ou camisetas que exponham os detalhes do busto. Elas são sempre alvo de paqueras ou de "indiretas" das mais variadas. Àquelas que vestem calça jeans azul, camisas de banda no estilo *baby loock*, correntes de metal, piercings, sem maquiagem, tênis e às vezes usam um lenço na cabeça, são as que ficam "curtindo o som" ao longo do show. De vez em quando, vê-se uma ou outra fumando cigarro ou tomando cerveja com os amigos.

Quando adentram no Hey Ho, dirigiram-se junto do palco, pois o show já estava para começar. Depois de *Diagnose e Expose Hate* tocarem é a vez do Obskure. O Obskure tem nos vocais e guitarra solo Daniel Boyadjian, Jolson Ximenes no baixo e vocais, Wilker D'Angelo na bateria e Amaudson Ximenes na guitarra base. O estilo que executam é Death Metal, marcado pela voz gutural, distorções em guitarras e levadas aceleradas na bateria. Os momentos que antecedem o início do show são caracterizados por ajustes de som, ajuste de guitarras e ajuste de pratos e chimbau para a bateria. Enquanto Daniel, Amaudson e Wilker se preocupam com o som, Jolson coloca à frente do lugar ocupado no palco por cada músico, o repertório musical a ser executado. Não demoraram mais que 10 minutos para esses preparativos. O Obskure começa a tocar. Ao som dos primeiros *riffs* poucas pessoas "batiam a cabeça"; preferiram ficar de braços cruzados em pé diante do palco somente observando.

Na Obskure todos estão vestidos com roupa preta. Amaudson está com a camisa da própria banda e veste calça preta e calça sapatos pretos. Quando a banda começou a tocar, soltou o cabelo que é cacheado e atinge à altura do pescoço. Quando toca, franje a testa e movimentava o rosto de um lado para o outro que é coberto pelos cabelos. De vez em quando leva o braço até o rosto para tirar o cabelo. Tem estatura mediana e pele clara. Daniel fica sempre parado no centro do palco. Ele é o tipo "mauricinho" como diz Amaudson: cabelo cortado, liso e preto; veste calça jeans frouxa e usa a camisa de uma banda cujo nome não consegui decifrar. Sua voz é gutural e as letras são cantadas em inglês. O único movimento que realiza é quando se dirige a Wilker para falar rapidamente alguma coisa.

A cada intervalo entre uma música e outra, ele agradece à "galera" por estar presente

no local e por fortalecer o *cenário underground* de Fortaleza. É alto e de pele clara. Na bateria, logo atrás de Daniel, temos Wilker D'Angelo. Alto, pele clara e cabelos curtos pretos, ele quase não aparece, embora se saiba que um dos elementos fundamentais no Death Metal é a bateria. As passadas rápidas acionam o corpo a realizar constantes contrações musculares. No rosto, Wilker apresenta a extensão e o peso do ritmo que executa, ao contrair e relaxar os músculos da face e em muitos momentos fazer "cara de malvado". Do lado direito esquerdo do palco, Jolson é o único que não cessa os movimentos no palco. Estatura baixa e pele clara por meio de seus movimentos muitas pessoas são levadas a "baterem cabeça" cada vez mais; ao desprender os cabelos e vestido com calça jeans azul, camisa preta de banda e calçado com botas pretas, contorce o pescoço, inclina-se para a frente e move a cabeça de forma circular. Parece que a cabeça e os cabelos não é suficiente para tanto peso musical, então ele bate a mão direita no baixo, fazendo marcações conforme a música. Por volta das 2h da manhã o Obskure se despediu do palco agradecendo a presença de todos naquele dia.

#### **4.1 "O monstro que destrói a cidade"**

Os estilos musicais executados pela *Obskure* e pela *Clamus* são ramificações do *Heavy Metal*, uma das vertentes mais conhecidas na música do rock. O termo *Heavy* é utilizado para identificar, traduzir e exemplificar os fenômenos que ocorreram (e que ocorrem) dentro desse gênero barulhento do Rock, cuja fragmentação em várias tendências inicia-se a partir dos anos 80. Ronnie James Dio (um dos ex-integrantes da banda Black Sabbath, considerada a precursora do Heavy Metal e cuja origem se remete ao final dos anos 60) define o estilo como "um monstro de filme japonês, tipo Godzilla, que vem para destruir a cidade" (LEÃO, 1997.p.9).

Quem, por curiosidade, já procurou ouvir alguma banda ou solista de *Heavy Metal*, percebe que as músicas são executadas em inglês. Então, surge uma indagação: é o Heavy Metal de origem inglesa ou americana? Tom Leão (jornalista da crítica especializada em HM) diz que "se levarmos em conta a nacionalidade de William Burroughs (que criou o termo), o grupo que utilizou estas palavras pela primeira vez numa música (o Steppenwolf em 'Born to be wild'), o primeiro guitarrista barulhento, Link Wray, bem como o crítico musical que primeiro empregou o termo 'heavy metal' para definir as bandas barulhentas (o falecido Lester Bangs num artigo publicado na revista *Rolling Stone*, em 1971), os americanos levam para si a paternidade (até porque o rock nasceu na América)" (LEÃO, 1997,p.17).

Agora, tomando as bandas *The Who*, *The Yardbirds* e *Cream* que, na metade dos anos 60, utilizavam-se em suas músicas os feedbacks e distorções em guitarras, os ingleses seriam considerados os pais do *Heavy Metal*. Tom Leão lembra que foi o *The Who*, através de um som altíssimo que lhe rendeu uma entrada no Guinness book em 1972, a primeira banda a destruir instrumentos e amplificadores nos shows''(LEÃO, 1997,p.17).

Na parte visual, tanto *rockers* e *teddy boys* ingleses quanto os motoqueiros americanos adotavam vestimentas que até hoje são percebidas nos shows: jaqueta de couro, calças jeans surradas, camisetas pretas e correntes (às vezes escondidas por baixo da roupa). Já o desenvolvimento dos instrumentos musicais, como guitarra e contrabaixo, deve-se aos americanos. Foi o desenvolvimento tecnológico nos EUA que permitiram na virada da década de 60 para a década de 70 o surgimento do *Heavy Metal*.

No Brasil, o estilo ganha impulso após a passagem da banda norte-americana *KISS*, em julho de 1983. Antes disso, *Alice Cooper* (EUA), *Queen* (ING) e *Van Halen* (EUA) já haviam passado por aqui. Acontece que foi com a superprodução e a apresentação do *KISS* no Morumbi (SP) e no Maracanã (RJ) que, em 1985, ocorre no Rio de Janeiro o 1º Rock In Rio que contou com a presença, entre outras, de *AC/DC* (Austrália), *Scorpions* (ALE), *Whitesnake* (ING), *Iron Maiden* (ING) e o ex-vocalista do Black Sabbath – *Ozzy Osbourne*.

Antes, o que tínhamos eram apenas bandas que tocavam em bailes, *covers* de *Rollings Stones* e *Beatles*. Mas, com o surgimento da banda inglesa *Iron Maiden*, em 1977, ressurgiu não só na Europa (como no Brasil) e nos EUA o interesse do público por esse tipo de música. A *New Wave Of British Heavy Metal*, movimento de ruptura e renovação após o período clássico do *Heavy Metal*, não só o recolocou em destaque, como também proporcionou diversas ramificações em termos de som, vestimentas, adereços e posturas de palco<sup>5</sup>.

No Ceará, os primeiros eventos referentes ao estilo iniciaram-se em meados da década de 70, tendo como característica as execuções de música Punk que na época era recém chegada no Brasil. Segundo Amaudson Ximenes, `` os chamados clubes suburbanos, entre eles: o Secai, o Círculo Operário, o Iara, o Kelps Clube, o Menphis Clube, o Internacional eram freqüentados pelos fãs de rock que naquela época não se definiam como *punks*, ou

---

<sup>5</sup> Tom Leão diz que as primeiras bandas a soarem ``heavy metal`` antes que o termo fosse usado foram Kinks, The Who, Cream e Yardbirds; as bandas pioneiras e fundamentais para o estilo dos anos 60 para os 70 foram Led Zeppelin, Steppenwolf, Iron Butterfly); as bandas dos anos 70 como Blue Cheer, Vanilla Fudge, Gran Funk Railroad, Black Sabbath, Deep Purple, Kiss, AC/DC, Motorhead, Van Halen. Após a *New Wave Of British Heavy Metal* e o Punk(década de 80), vieram o Death Metal, o Hardcore americano e o Thrash-speed metal nas figuras de Venom, Deicide, Black Flag, Dead Kennedys, Minutemen, Husker-Du, Slayer, Metallica, Megadeath e Anthrax; há também o crossover e o funk-o-metal de Faith No More, King 's X e Primus; o hip-hop metal do Biohazard e Clawfinger; o glam metal de bandas como Slade, Poison, Faster Pussycat que influenciaram bandas como Guns N'Roses e Skid Row(LEÃO, 1997,p.16).

*headbangers*<sup>6</sup>, mas simplesmente como roqueiros”.

Os shows ocorriam sempre aos finais de semana e quem transitava por esses locais, percebia que havia “competições” do tipo quem melhor imitava ídolos do tipo: Robert Plant e Ramones. Tudo isso, segundo Amaudson, “com direito a guitarras artesanais, feitas de madeira ou papelão e até troféus para as turmas vencedoras”.

Assim, no Ceará (mais especificamente em Fortaleza) configuravam-se os primeiros eventos com as primeiras bandas, como, por exemplo, o *Ramortes* (cover da banda Punk americana Ramones), significando os primeiros passos para a consolidação das bandas posteriores, entre elas a *Obskure* e a *Clamus*.

O fato é que, estilos musicais como o Rock, e, mais especificamente, o Metal e suas derivações chamam a atenção de certos grupos juvenis que se caracterizam por trazerem em seus corpos um estilo corporal que possui intrínseca relação com a música que eles “curtem”. Punks, darks e “metaleiros”, entre outros, atraem

“a atenção pela agressividade real e simbólica do seu comportamento, pela negatividade de suas representações do presente e do futuro, pelo investimento na própria imagem e pelo privilegiamento do lazer e dos produtos da indústria cultural como elementos articuladores de suas atividades. Seu aparecimento parece ter sido um fenômeno característico do universo juvenil[das últimas décadas], constituindo-se como marca de uma geração”(ABRAMO,1994,p.xi).

Assim, da mesma forma que o corpo, a juventude passa a ser uma categoria fundamental nas sociedades modernas onde nem sempre o que se ensina para ser exercitado “na casa” é o mesmo que se pratica “na rua”. A partir dessa contradição entre o “dito” e o “feito”, surgem:

“os conflitos e o caos de valorizações antagônicas presentes, principalmente nos momentos de crise social, e o relativo descompromisso da condição juvenil tornam a juventude especialmente apta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos que, por diferentes razões, estão insatisfeitos com essa ordem (. . .) pode-se dizer que, de forma geral, a percepção que se estabelece sobre esses distintos tipos de manifestações juvenis é a de que eles se estruturam como uma crítica ao modo de vida industrial/burguês (isto é, à mecanização, padronização, hipocrisia, ausência de sentido etc.) como expressão de uma recusa a se incorporar a esse modo de vida por parte de pessoas que estão para entrar nele. Essa crítica e essa recusa se expressariam seja pela busca de valores ligados à natureza e à comunidade (do movimento romântico aos hippies, passando pelo movimento juvenil alemão), seja pela construção de um modo de vida excêntrico, fora dos padrões dominantes, inspirado em culturas estrangeiras e em setores marginalizados da sociedade – como na boêmia, nos fãs do jazz, no movimento *beat* etc – seja pela aliança com de setores dominantes ou discriminados, como no

---

<sup>6</sup> Headbangers significa batedor de cabeça e se refere à forma como se comportam as pessoas que freqüentam os shows de metal. No caso de Obskure e Clamus, eles sempre evitam esses termos( quando se trata de formas estereotipadas), embora sejam reconhecidos como tais e em muitas ocasiões se dirigem à platéia dos shows dessa forma .



caso das relações entre os movimentos estudantis e os movimentos políticos”(ABRAMO,1994,p.20).

Nos anos 50 e 60, os jovens mencionados pelos meios de comunicação eram aqueles que pertenciam à classe média brasileira. Com a perda da expressividade do movimento estudantil a partir da década de 70, novos personagens entram em cena e passam a compor e ocupar o cenário dos centros urbanos brasileiros.

São grupos urbanos compostos por jovens que se ligam a determinados estilos musicais e os concebem não apenas como aparatos ideológicos, mas, também, como experiências de vida. Entre esses grupos, os “metaleiros” foram possivelmente os que mais se destacaram pelas ruas, praças ou apresentações. O impacto da música tocada em alto volume, longos solos de guitarras, vocal rasgado, jaquetas de couro, mochila nas costas, cabelos grandes e correntes por baixo da camisa, consolidaram no imaginário juvenil e da sociedade “uma espécie de figura do bárbaro, uma posição anticivilização em que a destruição é estritamente trabalho muscular”(CAIAFA,1989,p.132) favorecida pelo volume do som, letras críticas e uso de psicotrópicos.

Contudo, esses acontecimentos tiveram da conjuntura social dos anos 70 a base para se desenvolverem. Isso porque foi nesse período que houveram maiores ampliações do acesso aos bens de entretenimento e da cultura de massas. No Brasil,

“o modelo de crescimento adotado pelo regime militar, consubstanciado no milagre econômico (1968 a 1973), combinou um considerável crescimento de empregos na área urbana com arrocho salarial, o que criou as condições para um notável movimento de ingresso de jovens e de mulheres no mercado de trabalho (p.57) Nesses anos, desenvolveram-se numerosos espaços voltados para a diversão juvenil, como os imensos salões de dança nos bairros de periferia, as danceterias nos bairros centrais, as lojas de diversões eletrônicas, as pistas de patinação, as lanchonetes etc”(ABRAMO,1994,p.57 -60).

Devemos mencionar também, o surgimento de lojas especializadas em vestimentas e adereços para os jovens, discos, fitas, revistas e filmes por meio dos quais conheciam os mais novos lançamentos musicais e as modas constantemente recriadas pelas bandas e solistas europeus e americanos.

Foi, portanto, a situação social e os novos valores e sentidos por ela difundidos que são relevantes para o:

“reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, mas também, a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de

religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse `natural`, posto que se trata de sua cultura” (MAGNANI, s.d, p.18).

Como se trata de seres humanos e suas práticas culturais, parte-se do pressuposto de que, como o humano é social, suas práticas e os significados atribuídos a elas não são homogêneos e nem muito menos estáticos. Oscilam, constroem-se e (re) constroem-se conforme os momentos vividos por cada grupo social, novos contatos que se mantêm e práticas adquiridas. Assim, o Metal, a cada dia, divide-se e subdivide-se em correntes. Os “metaleiros” já não são necessariamente reconhecidos como cabeludos, mochileiros ou vestidos de preto. Pode-se bater cabeça, pular do palco ou “dar um mosh”. Hoje o espetáculo é outro. Mesmo que muitas características anteriores prevaleçam ou assumam novas posições culturais, novos elementos foram agregados.

## 4.2 Esquemas culturais em mudança

Na década de 80, no Rio de Janeiro, quando Janice Caiafa realizou um trabalho sobre o movimento punk naquela cidade, percebeu-se que os “metaleiros” já não seguiam os estereótipos difundidos pelas grandes bandas de Metal da década de 70. Segundo ela, os *bangers* estariam cada vez mais *new waves*, embora, aparentemente fortes, antes pesados e espessos.

De lá para cá, ocorreram muitas fusões dentro do próprio Metal. O exemplo disso é que a *Obskure* e a *Clamus*, como foi observado nos diários de campo, não seguem “ao pé-da-letra” as características cristalizadas pelo *Heavy Metal* (até porque seus estilos se originaram do mesmo). Nas primeiras conversas que tivemos, negaram a possibilidade de serem chamados simplesmente bandas de *Heavy Metal*, atribuindo ao som, vestimentas, adereços e certos movimentos de palco as principais diferenças entre aquele e o *Death* e o *Thrash Metal* que executam. Lucas Gurgel foi um dos que me disse que “no Clamus, nem todos possuíam o cabelo longo, não costumam se vestir de preto, não fazem “cara de mau” e nem usam correntes de metal tão comuns no *Heavy Metal*. A outra diferença é que as músicas da Clamus são cantadas não apenas em inglês, como também, em francês e português. Além disso, a banda conta com três vocalistas que se diferenciam nos vocais por cantarem em três tonalidades: grave, normal e agudo”.

Wilker D’Angelo, o baterista da Obskure, falou-me que no “*Death Metal* não usa

cenário teatral, o cenário é você (. . .) você vestido lá de preto com o cabelo na cara(. . .) se você ver uma banda todo mundo de cabelo grande mesmo não agitando, ele mantém o visual da banda do que se tiver três pessoas de cabelo cortado morrendo de bater cabeça, não causa impacto”.

As descrições dos meus diários de campo e essas falas podem ser entendidas quando tomamos como referencial teórico o pensamento do antropólogo americano David Marshall Sahlins no que se refere às mudanças observadas entre o *Heavy Metal* e os estilos executados por *Obskure* e *Clamus*.

O ponto de partida para os estudos de Sahlins refere-se à concepção materialista proposta por Marx acerca da História e da Cultura no Ocidente. Este tem como formulação básica a idéia de que as condições materiais implicam diretamente numa forma cultural. Por exemplo: para Marx a oferta, a demanda e/ou o preço implicariam nos significados que damos às coisas, pessoas e, assim, definiriam o que é bom, útil e comestível. É a Razão Prática (o indivíduo agindo racionalmente para atender da melhor forma possível seus interesses que teria como consequência a Razão Simbólica (os significados que os homens atribuem às condições materiais).

Contudo, Sahlins desfaz a relação proposta por Marx. Segundo ele, a utilidade é socialmente construída. Os objetos não possuem propriedades inerentes a eles próprios. Nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem. Diz ele:

“já vimos que Marx, apesar disso, reservou a qualidade simbólica ao objeto em sua forma-mercadoria (fetichismo). Admitindo que os valores de uso claramente servem às necessidades humanas por suas propriedades evidentes, ele deixou de lado as relações significativas entre homens e objetos, que são essenciais para compreender a produção em qualquer forma histórica”(SAHLINS, 1979,p.189).

Mais do que pensar as diferenças entre elementos que caracterizam o estilo *Heavy Metal* e a *Obskure* e a *Clamus* de hoje, é importante ver que:

“a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro; esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões da ordem cultural”(SAHLINS, 1990,p.7).

Veja: se você vai a um show de *heavy melódico* que é um tipo de heavy mais comercial, os ouvintes desse tipo de música vestem-se mais ou menos parecido com aquilo que descrevi como visual de *rockers, teddys e motoqueiros* americanos. Agora, um show do *Krisium*, a banda brasileira de maior sucesso no exterior dentro do estilo *Death Metal*, vê-se a cor preta como predominante; as correntes de metal com cruces invertidas; calças variando entre jeans preto ou spandex; capas pretas que atingem os tornozelos e, em algumas vezes, rostos pintados com desenhos de cruces invertidas, já que o *Death Metal* é visto por muitos de seus ouvintes como a corrente do Metal que é anti-religião. Para Lucas Gurgel, tais diferenças podem ser apreendidas se levarmos em conta de que “o visual é reflexo das nossas experiências, de como a gente adquire elas”.

Assim, tem-se a Razão Simbólica produzindo diferenciações no corpo e no que está sobre ele e que representa significados sociais. Os gestos, adereços (tipo *piercing* ou brincos utilizados por alguns integrantes da *Obskure* e da *Clamus*) e vestimentas assinalam que:

“eles montam uma encenação, articulam uma fala, com suas figuras carregadas de signos, com sua articulação pelas ruas da cidade, com suas músicas, levantando questões e buscando provocar respostas, simultaneamente, sobre sua condição juvenil, sobre a ordem social e sobre o mundo contemporâneo. Não estão assim, restritos ao âmbito do privado; e seu significado não se reduz ao seu caráter simbólico da crise social vigente, pois eles se produzem como emblema e é exatamente nisso que reside sua atuação crítica”(ABRAMO,1994,p.xv).

Penso que o avanço tecnológico que possibilitou o surgimento de instrumentos musicais mais potentes e uma variedade de pedaleiras e distorcedores possibilitou também a fragmentação do Rock em vários tipos, do mais melódico ao mais progressivo. E isso implicou na forma das bandas se definirem e se apresentarem como X, Y ou Z. O que não significa dizer que traços dos primórdios do *Heavy Metal* não possam ser observados hoje em dia.

Ao serem inscritas sobre o corpo, essas diferenças indicam o que eles, no caso de minhas descrições, reconhecem e/ou estabelecem como definidores do estilo musical ao qual se dedicam. São diferenças que produzem um corpo vinculado à experiência de tocar e ouvir música *Death e Thrash Metal* que os integrantes Lucas Gurgel e Wilker D’Angelo se negam a terem suas bandas denominadas de *Heavy Metal*.

O que na verdade esses jovens produzem é um discurso articulado entre a vivência musical e a vivência social, tendo no corpo a extensão das diversas possibilidades de significação combinadas, segundo as regras estabelecidas e reconhecidas por eles.



## Trajetórias de estilos: música e corpo

`` . . . o visual é reflexo das nossas experiências de como a gente adquire elas ``.

*Lucas Gurgel (guitarrista e vocalista das bandas Clamus e Obskure)*

10/05/03

Marcamos meu primeiro contato com a banda Clamus para o dia 02/05/03, sábado, no período da tarde por volta das 16h. Lucas havia me falado que, nesse dia, seria o último ensaio da banda antes de participar do evento ``Pôr-do-som especial`` que se realizaria no dia 10/05/03 no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado no bairro Praia de Iracema, zona norte de Fortaleza. Reservo-me aqui de descrever o ensaio da banda, optando pela descrição do show.

Adentrei às portas do Anfiteatro do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura por volta das 21hs. Antes de tomar as acomodações devidas, perpassei o olhar ao meu redor e vi que ali tinham pouquíssimas pessoas. Penso que o ingresso cujo preço (exigido pela bilheteria do Centro) equivalia a R\$ 8.00 (inteira) e R\$ 4.00 (meia) foi um dos motivos para que o show de abertura da 5ª edição do Forcaos 2003 (o maior festival underground do nordeste que é promovido pela Associação do Rock – ACR) não fosse freqüentado como se esperava. As bandas que participaram desse show foram: *Slápide*, *Havana*, *Benihana*, *Clamus* e *Diagnose*. Dessas, a única banda de Metal era a Clamus. Por ordem de sorteio realizado pelo dirigente da ACR, Clamus foi a última banda a tocar e o relógio já marcava um pouco mais de 22h quando a banda ocupou o palco para a apresentação.

Entre uma banda e outra havia um breve intervalo para que a banda anterior desocupasse o palco com seus instrumentos para que a banda seguinte realizasse os devidos ajustes com guitarras, baixo e bateria e, assim, iniciasse a apresentação. Entre Benihana e Clamus, o intervalo se estendeu por quinze minutos. É interessante observar o quanto o som executado pelas bandas de metal reveste-se de pedaleiras, distorcedores, amplificadores e pedais necessários à execução daquilo que eles denominam ``porrada de som``.

Assim se sucederam os minutos antes da Clamus tocar. O que era para ser uma rápida passagem entre uma banda e outra demorou cerca de 15 minutos. Acerta daqui, ajusta dali. Lucas liga a guitarra na caixa; tem de ouvir a afinação e as distorções se estão ``oks``. Joaquim, o outro guitarrista tem de ouvir também para checar se o som está bom para sua guitarra. Agacha-se junto à caixa de som; controla o volume; pede para que baixem um

pouco e aí tudo ``parece`` estar certo com a guitarra dele. Carlos não tem tantos problemas. Só umas notas aqui e outras ali e tudo já está perfeito no contrabaixo. Clerton tem um pouco mais de trabalho com a bateria. Chimbal, ajuste de pratos, pedal, bate aqui, bate ali, a haste não quer sustentar o prato de condução, enfim, são esses os obstáculos que impedem o início do show. Clerton quer tocar. Não pode. Joaquim quer começar. Não dá. Lucas está ansioso. É impossível não estar. Carlos está aparentemente tranqüilo. Bom. Depois de tanta demora em decorrência dos ajustes, parece-me tudo bem. Só parece. A chuva retira as pessoas das arquibancadas e os leva para junto do palco. É uma euforia. Tudo muda. Não só o clima (temperatura), mas também o clima do show.

Todas as pessoas ficam junto do palco. Carlos vai ao microfone e diz: ``nós fizemos um contrato com São Pedro``. Junto ao palco é um sincretismo de corpos. Corpos que se preparam para se libertarem. Exibirem-se. Corpos, alguns deles tomados pelo álcool, como por exemplo, o de um moço que aparentava 40 anos e vestia uma camisa preta com foto e o nome de Ozzy Osbourne; vestia também calça preta apertada; usava botas pretas e tinha cabelo loiro, longo, repicado. Meu corpo também não resiste. Estou junto ao palco. Depois de assistir ao ensaio da Clamus, precisava ver o show deles. Pois bem. Joaquim direciona o corpo a Clerton e o olha. Lucas está do outro lado do palco aguardando a hora dos primeiros *riffs* (que é uma seqüência de notas). Carlos está no centro do palco à frente de Clerton. Com um olhar e os primeiros *riffs*, Joaquim anuncia o início dos 25 minutos de thrash-death metal da Clamus. Tudo estremece.

Os corpos se contorcem à sombra do jogo de luzes. Lucas veste calça preta frouxa e camisa cinza escura larga e com mangas até metade do braço; calça sapatos tênis claro; aos primeiros *riffs* de sua guitarra seus cabelos pretos e lisos ``voam`` junto com as ondas sonoras. A voz assemelha-se a um filme de terror. Não se compreende muito do que ele fala. O importante é o som. É o som que leva o corpo de Lucas a inclinar-se e declinar-se constantemente e intensamente. É uma cabeça que não pára de se movimentar ao som daqueles *riffs*. É um olhar ``malvado`` que permite que sua música e seus *riffs* possibilitem o ``bater cabeça`` de várias pessoas da platéia. No centro, Carlos que veste calça preta frouxa e camisa preta com detalhes brancos, calça sapatos tênis preto e não possui cabelo longo. Carlos também movimentava o corpo, não com tanta intensidade como Lucas e Joaquim. Participa dos vocais e ficou neste show com a cabeça um pouco baixa e sem encarar o público, tal como fez Lucas e Joaquim. Clerton na bateria está sempre de cabeça baixa com os ouvidos atentos no ritmo. As batidas rápidas e fortes e as velozes passadas exigem do seu corpo não apenas harmonia para com os movimentos, mas, também, atenção. São movimentos de braços e

pernas que em muitos momentos o olhar não consegue acompanhar.

Clerton veste camisa preta de manga até metade do braço, bermuda preta e calça tênis preto com meias brancas. Seu cabelo é curto, preto e liso e o corte é tipo surfista. O peso, a força e a velocidade das músicas se colocam à medida que Clerton, colocando o pé esquerdo no chimbau e o direito no pedal, toma as duas baquetas e ``desce o braço'', como dizem os bateristas. Joaquim, mesmo de estatura baixa (tal como Clerton e diferentemente de Lucas e Carlos) e de corpo delgado (diferentemente de Lucas, Carlos e Clerton), tem cabelos pretos, longos e ondulados sobre os ombros. A cada descida e subida da cabeça, o cabelo ``voa'' e se torna volumoso. A voz que Joaquim impõe, mesmo não sendo como a de Lucas, arrepia o corpo. É o agudo afônico e veloz do Death/Thrash metal. Joaquim veste calça cinza escura e frouxa, camisa preta com o nome da banda; calça tênis azul com branco; usa bigode e seus cabelos atingem à altura da cintura. O som embala o corpo e Joaquim chama o público para também adentrar nesse embalo. Seu corpo não pára. Os músculos de sua face contraem-se e relaxam a cada frase da música que canta. Lucas não se esforça tanto para que sua voz soe grave. A contração e relaxamento de seus músculos são menos intensos que em Joaquim, cuja parte superior dos lábios encobrem os dentes superiores frontais. Quando falou sobre o trabalho que as bandas do underground cearense fazem mencionou a dificuldade que é fazer Metal no Ceará, mas, também, do esforço das bandas em fazerem músicas próprias. O intalo na garganta, a falta da palavra para expressar a felicidade que está sentindo naquele momento, são expressos pelos gestos. E esses gestos vêm do olhar: olhar de ânimo, coragem e felicidade fixados no público. Joaquim complementa as palavras de Lucas: ``é isso aí véi, agora a gente vai tocar mais uma música do nosso 2º EP que a gente fez batalhando muito''. E aí vêm mais riffs e mais batidas de cabeça. A essa altura o corpo já está em frenesi. Já não se suporta ouvir um riff ou batida daquela e ficar parado. Joaquim, no intervalo das duas músicas seguintes, oferece para dois amigos: Dedé e Zeli.

A cada música é um aplauso. Aplauso dos que estão dentro do Anfiteatro e dos que estão lá fora. Dois momentos ainda devem ser registrados: o primeiro é quando Lucas, ao som do trecho da música *Leave us Alone* ``uma forma de libertar é repudiar a invasão'', ele abre os braços à altura dos ombros, ergue a cabeça e fecha os olhos. Parece entrar em transe ao ouvir o som. O segundo momento refere-se as expressões faciais apresentadas por Joaquim. Ele sempre fixa os olhos no público. O olhar de ``malvado'' faz com que os dois garotos que estão à sua frente fiquem fissurados em sua performance e nos *riffs* que ele executa na guitarra. O corpo de Joaquim é só movimento. Seus olhos apertam-se e aproximam-se um do outro; sua testa franje e impulsiona força para o movimento dos olhos; a cada parte vocal dele



é sempre assim; minutos depois ele está fazendo o solo da música. Faz não apenas com a guitarra. Faz também com a boca. Com a boca aberta, move de um lado para o outro a mandíbula, conforme é o solo. Não dá para eu ouvir se ele emite ou não sons. Uma coisa é certa: parece ser o som da guitarra insuficiente. Ele quer que a boca também o ajude, nem que seja através de movimentos. Olho para o seu braço direito. Estão suados. Parece algo em ebulição. O corpo permite isso. A música possibilita. Lucas agradece a todos pela presença no evento.

\* \* \*

14/06/03

Passou-se um mês e alguns dias. O Obskure toca hoje no Hey Ho Rock Bar na Praia de Iracema, na abertura do show da banda brasileira de Death Metal, *Nephast*, do Rio Grande do Sul. O Hey Ho Rock Bar fica na rua José Avelino, 604, ao lado do Centro Dragão do Mar. O bar recebe esse nome em homenagem a uma música da banda punk *Ramones*, 1977. Antes de chegar no referido bar, necessário é que se passe em frente a boates e restaurantes que ficam entre o Centro Dragão do Mar e o Hey Ho Rock Bar. Tomando como referência a boate Armazém que fica na esquina da rua que separa o Centro e o Hey Ho, temos, em seguida, um local que ainda está em construção, depois uma igreja evangélica chamada Revival, a boate e danceteria Órbita, o restaurante italiano Bonelli e aí chegamos na rua José Avelino onde fica o Hey Ho.

Nesta rua, na esquina, temos o bar e restaurante Docas e as demais construções são espécies de casas abandonadas com paredes sujas e mal conservadas. Por todo esse percurso, percebe-se as barracas de bebidas, pipoqueiros, taxistas, tendas de lanches e vendedores de balas que por ali transitam, fora o trânsito de carros e ônibus que por ali passam.

Quando se caminha por essa rua, percebe-se que ela é mal iluminada, exceto em frente ao Hey Ho. Por isso, quando se desce do ônibus, vêem-se sempre os frequentadores dos shows em grupos e, foi assim, que os acompanhei até o local. Em frente ao Hey Ho, já havia muitas pessoas esperando a abertura dos portões do local. Agrupam-se em turmas de amigos ou conhecidos. Alguns ficam sozinhos. Eles vestem-se de preto, camisas de bandas as mais variadas, tipo: *Blind Guardian*, *Cannibal Corpse*, *Krisiun*, *Obskure*, *Clamus*, *Diagnose*, *Angra*, *Shaman*, *Iron Maiden*; adornam-se com pulseiras pretas com pontas de metal ou

correntes de metal no pescoço ou com cruzes como pingente de colar.

Alguns são muito sérios de fisionomia; outros sorriem e abraçam os amigos quando se reencontram. As meninas que estavam por lá, grande parte delas, acompanhavam seus namorados; outras acompanham seus amigos e existem aquelas que na hora do show ficam junto ao palco "batendo" cabeça. Geralmente elas calçam sapatos altos, usam meia-calça preta, batom roxo ou preto nos lábios, lápis e sombra preta nos olhos e os cabelos estão sempre soltos. Algumas usam camisas de tecido (tipo organza) de mangas longas ou até a altura do antebraço ou camisetas que exponham os detalhes do busto. Elas são sempre alvo de paqueras ou de "indiretas" das mais variadas. Àquelas que vestem calça jeans azul, camisas de banda no estilo *baby loock*, correntes de metal, piercings, sem maquiagem, tênis e às vezes usam um lenço na cabeça, são as que ficam "curtindo o som" ao longo do show. De vez em quando, vê-se uma ou outra fumando cigarro ou tomando cerveja com os amigos.

Quando adentram no Hey Ho, dirigiram-se junto do palco, pois o show já estava para começar. Depois de *Diagnose e Expose Hate* tocarem é a vez do Obskure. O Obskure tem nos vocais e guitarra solo Daniel Boyadjian, Jolson Ximenes no baixo e vocais, Wilker D'Angelo na bateria e Amaudson Ximenes na guitarra base. O estilo que executam é Death Metal, marcado pela voz gutural, distorções em guitarras e levadas aceleradas na bateria. Os momentos que antecedem o início do show são caracterizados por ajustes de som, ajuste de guitarras e ajuste de pratos e chimbau para a bateria. Enquanto Daniel, Amaudson e Wilker se preocupam com o som, Jolson coloca à frente do lugar ocupado no palco por cada músico, o repertório musical a ser executado. Não demoraram mais que 10 minutos para esses preparativos. O Obskure começa a tocar. Ao som dos primeiros *riffs* poucas pessoas "batiam a cabeça"; preferiram ficar de braços cruzados em pé diante do palco somente observando.

Na Obskure todos estão vestidos com roupa preta. Amaudson está com a camisa da própria banda e veste calça preta e calça sapatos pretos. Quando a banda começou a tocar, soltou o cabelo que é cacheado e atinge à altura do pescoço. Quando toca, franje a testa e movimenta o rosto de um lado para o outro que é coberto pelos cabelos. De vez em quando leva o braço até o rosto para tirar o cabelo. Tem estatura mediana e pele clara. Daniel fica sempre parado no centro do palco. Ele é o tipo "mauricinho" como diz Amaudson: cabelo cortado, liso e preto; veste calça jeans frouxa e usa a camisa de uma banda cujo nome não consegui decifrar. Sua voz é gutural e as letras são cantadas em inglês. O único movimento que realiza é quando se dirige a Wilker para falar rapidamente alguma coisa.

A cada intervalo entre uma música e outra, ele agradece à "galera" por estar presente no local e por fortalecer o *cenário underground* de Fortaleza. É alto e de pele clara. Na

bateria, logo atrás de Daniel, temos Wilker D'Angelo. Alto, pele clara e cabelos curtos pretos, ele quase não aparece, embora se saiba que um dos elementos fundamentais no Death Metal é a bateria. As passadas rápidas acionam o corpo a realizar constantes contrações musculares. No rosto, Wilker apresenta a extensão e o peso do ritmo que executa, ao contrair e relaxar os músculos da face e em muitos momentos fazer "cara de malvado". Do lado direito esquerdo do palco, Jolson é o único que não cessa os movimentos no palco. Estatura baixa e pele clara por meio de seus movimentos muitas pessoas são levadas a "baterem cabeça" cada vez mais; ao desprender os cabelos e vestido com calça jeans azul, camisa preta de banda e calçado com botas pretas, contorce o pescoço, inclina-se para a frente e move a cabeça de forma circular. Parece que a cabeça e os cabelos não é suficiente para tanto peso musical, então ele bate a mão direita no baixo, fazendo marcações conforme a música. Por volta das 2h da manhã o Obskure se despediu do palco agradecendo a presença de todos naquele dia.

#### **4.1 "O monstro que destrói a cidade"**

Os estilos musicais executados pela *Obskure* e pela *Clamus* são ramificações do *Heavy Metal*, uma das vertentes mais conhecidas na música do rock. O termo *Heavy* é utilizado para identificar, traduzir e exemplificar os fenômenos que ocorreram (e que ocorrem) dentro desse gênero barulhento do Rock, cuja fragmentação em várias tendências inicia-se a partir dos anos 80. Ronnie James Dio (um dos ex-integrantes da banda Black Sabbath, considerada a precursora do Heavy Metal e cuja origem se remete ao final dos anos 60) define o estilo como "um monstro de filme japonês, tipo Godzilla, que vem para destruir a cidade" (LEÃO, 1997.p.9).

Quem, por curiosidade, já procurou ouvir alguma banda ou solista de *Heavy Metal*, percebe que as músicas são executadas em inglês. Então, surge uma indagação: é o Heavy Metal de origem inglesa ou americana? Tom Leão (jornalista da crítica especializada em HM) diz que "se levarmos em conta a nacionalidade de William Burroughs (que criou o termo), o grupo que utilizou estas palavras pela primeira vez numa música (o Steppenwolf em 'Born to be wild'), o primeiro guitarrista barulhento, Link Wray, bem como o crítico musical que primeiro empregou o termo 'heavy metal' para definir as bandas barulhentas (o falecido Lester Bangs num artigo publicado na revista *Rolling Stone*, em 1971), os americanos levam para si a paternidade (até porque o rock nasceu na América)" (LEÃO, 1997,p.17).

Agora, tomando as bandas *The Who*, *The Yardbirds* e *Cream* que, na metade dos anos

60, utilizavam-se em suas músicas os feedbacks e distorções em guitarras, os ingleses seriam considerados os pais do *Heavy Metal*. Tom Leão lembra que foi o The Who, através de um som altíssimo que lhe rendeu uma entrada no Guinness book em 1972, a primeira banda a destruir instrumentos e amplificadores nos shows''(LEÃO, 1997,p.17).

Na parte visual, tanto *rockers* e *teddy boys* ingleses quanto os motoqueiros americanos adotavam vestimentas que até hoje são percebidas nos shows: jaqueta de couro, calças jeans surrados, camisetas pretas e correntes (às vezes escondidas por baixo da roupa). Já o desenvolvimento dos instrumentos musicais, como guitarra e contrabaixo, deve-se aos americanos. Foi o desenvolvimento tecnológico nos EUA que permitiram na virada da década de 60 para a década de 70 o surgimento do *Heavy Metal*.

No Brasil, o estilo ganha impulso após a passagem da banda norte-americana *KISS*, em julho de 1983. Antes disso, *Alice Cooper* (EUA), *Queen* (ING) e *Van Halen* (EUA) já haviam passado por aqui. Acontece que foi com a superprodução e a apresentação do *KISS* no Morumbi (SP) e no Maracanã (RJ) que, em 1985, ocorre no Rio de Janeiro o 1º Rock In Rio que contou com a presença, entre outras, de *AC/DC* (Austrália), *Scorpions* (ALE), *Whistlesnake* (ING), *Iron Maiden* (ING) e o ex-vocalista do Black Sabbath – *Ozzy Osbourne*.

Antes, o que tínhamos eram apenas bandas que tocavam em bailes, *covers* de *Rollings Stones* e *Beatles*. Mas, com o surgimento da banda inglesa *Iron Maiden*, em 1977, ressurgiu não só na Europa (como no Brasil) e nos EUA o interesse do público por esse tipo de música. A *New Wave Of British Heavy Metal*, movimento de ruptura e renovação após o período clássico do *Heavy Metal*, não só o recolocou em destaque, como também proporcionou diversas ramificações em termos de som, vestimentas, adereços e posturas de palco<sup>7</sup>.

No Ceará, os primeiros eventos referentes ao estilo iniciaram-se em meados da década de 70, tendo como característica as execuções de música Punk que na época era recém chegada no Brasil. Segundo Amaudson Ximenes, `` os chamados clubes suburbanos, entre eles: o Secai, o Círculo Operário, o Iara, o Kelps Clube, o Menphis Clube, o Internacional eram freqüentados pelos fãs de rock que naquela época não se definiam como *punks*, ou

---

<sup>7</sup> Tom Leão diz que as primeiras bandas a soarem ``heavy metal`` antes que o termo fosse usado foram Kinks, The Who, Cream e Yardbirds; as bandas pioneiras e fundamentais para o estilo dos anos 60 para os 70 foram Led Zeppelin, Steppenwolf, Iron Butterfly); as bandas dos anos 70 como Blue Cheer, Vanilla Fudge, Gran Funk Railroad, Black Sabbath, Deep Purple, Kiss, AC/DC, Motorhead, Van Halen. Após a *New Wave Of British Heavy Metal* e o Punk(década de 80), vieram o Death Metal, o Hardcore americano e o Thrash-speed metal nas figuras de Venom, Deicide, Black Flag, Dead Kennedys, Minutemen, Husker-Du, Slayer, Metallica, Megadeath e Anthrax; há também o crossover e o funk-o-metal de Faith No More, King 's X e Primus; o hip-hop metal do Biohazard e Clawfinger; o glam metal de bandas como Slade, Poison, Faster Pussycat que influenciaram bandas como Guns N'Roses e Skid Row(LEÃO, 1997,p.16).

*headbangers*<sup>8</sup>, mas simplesmente como roqueiros”.

Os shows ocorriam sempre aos finais de semana e quem transitava por esses locais, percebia que havia “competições” do tipo quem melhor imitava ídolos do tipo: Robert Plant e Ramones. Tudo isso, segundo Amaudson, “com direito a guitarras artesanais, feitas de madeira ou papelão e até troféus para as turmas vencedoras”.

Assim, no Ceará (mais especificamente em Fortaleza) configuravam-se os primeiros eventos com as primeiras bandas, como, por exemplo, o *Ramortes* (cover da banda Punk americana Ramones), significando os primeiros passos para a consolidação das bandas posteriores, entre elas a *Obskure* e a *Clamus*.

O fato é que, estilos musicais como o Rock, e, mais especificamente, o Metal e suas derivações chamam a atenção de certos grupos juvenis que se caracterizam por trazerem em seus corpos um estilo corporal que possui intrínseca relação com a música que eles “curtem”. Punks, darks e “metaleiros”, entre outros, atraem

“a atenção pela agressividade real e simbólica do seu comportamento, pela negatividade de suas representações do presente e do futuro, pelo investimento na própria imagem e pelo privilegiamento do lazer e dos produtos da indústria cultural como elementos articuladores de suas atividades. Seu aparecimento parece ter sido um fenômeno característico do universo juvenil[das últimas décadas], constituindo-se como marca de uma geração”(ABRAMO,1994,p.xi).

Assim, da mesma forma que o corpo, a juventude passa a ser uma categoria fundamental nas sociedades modernas onde nem sempre o que se ensina para ser exercitado “na casa” é o mesmo que se pratica “na rua”. A partir dessa contradição entre o “dito” e o “feito”, surgem:

“os conflitos e o caos de valorizações antagônicas presentes, principalmente nos momentos de crise social, e o relativo descompromisso da condição juvenil tornam a juventude especialmente apta a solidarizar-se com movimentos sociais dinâmicos que, por diferentes razões, estão insatisfeitos com essa ordem (. . .) pode-se dizer que, de forma geral, a percepção que se estabelece sobre esses distintos tipos de manifestações juvenis é a de que eles se estruturam como uma crítica ao modo de vida industrial/burguês (isto é, à mecanização, padronização, hipocrisia, ausência de sentido etc.) como expressão de uma recusa a se incorporar a esse modo de vida por parte de pessoas que estão para entrar nele. Essa crítica e essa recusa se expressariam seja pela busca de valores ligados à natureza e à comunidade (do movimento romântico aos hippies, passando pelo movimento juvenil alemão), seja pela construção de um modo de vida excêntrico, fora dos padrões dominantes, inspirado em culturas estrangeiras e em setores marginalizados da sociedade – como na boêmia, nos fãs do jazz, no movimento *beat* etc – seja pela aliança com de setores dominantes ou discriminados, como no

---

<sup>8</sup> Headbangers significa batedor de cabeça e se refere à forma como se comportam as pessoas que frequentam os shows de metal. No caso de Obskure e Clamus, eles sempre evitam esses termos( quando se trata de formas estereotipadas), embora sejam reconhecidos como tais e em muitas ocasiões se dirigem à platéia dos shows dessa forma .

caso das relações entre os movimentos estudantis e os movimentos políticos”(ABRAMO,1994,p.20).

Nos anos 50 e 60, os jovens mencionados pelos meios de comunicação eram aqueles que pertenciam à classe média brasileira. Com a perda da expressividade do movimento estudantil a partir da década de 70, novos personagens entram em cena e passam a compor e ocupar o cenário dos centros urbanos brasileiros.

São grupos urbanos compostos por jovens que se ligam a determinados estilos musicais e os concebem não apenas como aparatos ideológicos, mas, também, como experiências de vida. Entre esses grupos, os “metaleiros” foram possivelmente os que mais se destacaram pelas ruas, praças ou apresentações. O impacto da música tocada em alto volume, longos solos de guitarras, vocal rasgado, jaquetas de couro, mochila nas costas, cabelos grandes e correntes por baixo da camisa, consolidaram no imaginário juvenil e da sociedade “uma espécie de figura do bárbaro, uma posição anticivilização em que a destruição é estritamente trabalho muscular”(CAIAFA,1989,p.132) favorecida pelo volume do som, letras críticas e uso de psicotrópicos.

Contudo, esses acontecimentos tiveram da conjuntura social dos anos 70 a base para se desenvolverem. Isso porque foi nesse período que houveram maiores ampliações do acesso aos bens de entretenimento e da cultura de massas. No Brasil,

“o modelo de crescimento adotado pelo regime militar, consubstanciado no milagre econômico (1968 a 1973), combinou um considerável crescimento de empregos na área urbana com arrocho salarial, o que criou as condições para um notável movimento de ingresso de jovens e de mulheres no mercado de trabalho (p.57) Nesses anos, desenvolveram-se numerosos espaços voltados para a diversão juvenil, como os imensos salões de dança nos bairros de periferia, as danceterias nos bairros centrais, as lojas de diversões eletrônicas, as pistas de patinação, as lanchonetes etc”(ABRAMO,1994,p.57-60).

Devemos mencionar também, o surgimento de lojas especializadas em vestimentas e adereços para os jovens, discos, fitas, revistas e filmes por meio dos quais conheciam os mais novos lançamentos musicais e as modas constantemente recriadas pelas bandas e solistas europeus e americanos.

Foi, portanto, a situação social e os novos valores e sentidos por ela difundidos que são relevantes para o:

“reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, mas também, a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas – de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de

religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido. O processo de acercamento e descoberta desse significado pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor: permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse `natural`, posto que se trata de sua cultura”(MAGNANI, s.d, p.18).

Como se trata de seres humanos e suas práticas culturais, parte-se do pressuposto de que, como o humano é social, suas práticas e os significados atribuídos a elas não são homogêneos e nem muito menos estáticos. Oscilam, constroem-se e (re) constroem-se conforme os momentos vividos por cada grupo social, novos contatos que se mantêm e práticas adquiridas. Assim, o Metal, a cada dia, divide-se e subdivide-se em correntes. Os `metaleiros` já não são necessariamente reconhecidos como cabeludos, mochileiros ou vestidos de preto. Pode-se bater cabeça, pular do palco ou `dar um mosh`. Hoje o espetáculo é outro. Mesmo que muitas características anteriores prevaleçam ou assumam novas posições culturais, novos elementos foram agregados.

## 4.2 Esquemas culturais em mudança

Na década de 80, no Rio de Janeiro, quando Janice Caiafa realizou um trabalho sobre o movimento punk naquela cidade, percebeu-se que os `metaleiros` já não seguiam os estereótipos difundidos pelas grandes bandas de Metal da década de 70. Segundo ela, os *bangers* estariam cada vez mais *new waves*, embora, aparentemente fortes, antes pesados e espessos.

De lá para cá, ocorreram muitas fusões dentro do próprio Metal. O exemplo disso é que a *Obskure* e a *Clamus*, como foi observado nos diários de campo, não seguem `ao pé-da-letra` as características cristalizadas pelo *Heavy Metal* (até porque seus estilos se originaram do mesmo). Nas primeiras conversas que tivemos, negaram a possibilidade de serem chamados simplesmente bandas de *Heavy Metal*, atribuindo ao som, vestimentas, adereços e certos movimentos de palco as principais diferenças entre aquele e o *Death* e o *Thrash Metal* que executam. Lucas Gurgel foi um dos que me disse que `no Clamus, nem todos possuíam o cabelo longo, não costumam se vestir de preto, não fazem `cara de mau` e nem usam correntes de metal tão comuns no *Heavy Metal*. A outra diferença é que as músicas da Clamus são cantadas não apenas em inglês, como também, em francês e português. Além disso, a banda conta com três vocalistas que se diferenciam nos vocais por cantarem em três tonalidades: grave, normal e agudo`.

Wilker D'Angelo, o baterista da Obskure, falou-me que no `Death Metal não usa

cenário teatral, o cenário é você (. . .) você vestido lá de preto com o cabelo na cara(. . .) se você ver uma banda todo mundo de cabelo grande mesmo não agitando, ele mantém o visual da banda do que se tiver três pessoas de cabelo cortado morrendo de bater cabeça, não causa impacto”.

As descrições dos meus diários de campo e essas falas podem ser entendidas quando tomamos como referencial teórico o pensamento do antropólogo americano David Marshall Sahlins no que se refere às mudanças observadas entre o *Heavy Metal* e os estilos executados por *Obskure* e *Clamus*.

O ponto de partida para os estudos de Sahlins refere-se à concepção materialista proposta por Marx acerca da História e da Cultura no Ocidente. Este tem como formulação básica a idéia de que as condições materiais implicam diretamente numa forma cultural. Por exemplo: para Marx a oferta, a demanda e/ou o preço implicariam nos significados que damos às coisas, pessoas e, assim, definiriam o que é bom, útil e comestível. É a Razão Prática (o indivíduo agindo racionalmente para atender da melhor forma possível seus interesses que teria como consequência a Razão Simbólica (os significados que os homens atribuem às condições materiais).

Contudo, Sahlins desfaz a relação proposta por Marx. Segundo ele, a utilidade é socialmente construída. Os objetos não possuem propriedades inerentes a eles próprios. Nenhum objeto, nenhuma coisa é ou tem movimento na sociedade humana, exceto pela significação que os homens lhe atribuem. Diz ele:

“já vimos que Marx, apesar disso, reservou a qualidade simbólica ao objeto em sua forma-mercadoria (fetichismo). Admitindo que os valores de uso claramente servem às necessidades humanas por suas propriedades evidentes, ele deixou de lado as relações significativas entre homens e objetos, que são essenciais para compreender a produção em qualquer forma histórica”(SAHLINS, 1979,p.189).

Mais do que pensar as diferenças entre elementos que caracterizam o estilo *Heavy Metal* e a *Obskure* e a *Clamus* de hoje, é importante ver que:

“a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro; esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. A síntese desses contrários desdobra-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões da ordem cultural”(SAHLINS, 1990,p.7).



Veja: se você vai a um show de *heavy melódico* que é um tipo de heavy mais comercial, os ouvintes desse tipo de música vestem-se mais ou menos parecido com aquilo que descrevi como visual de *rockers, teddys e motoqueiros* americanos. Agora, um show do *Krisium*, a banda brasileira de maior sucesso no exterior dentro do estilo *Death Metal*, vê-se a cor preta como predominante; as correntes de metal com cruces invertidas; calças variando entre jeans preto ou spandex; capas pretas que atingem os tornozelos e, em algumas vezes, rostos pintados com desenhos de cruces invertidas, já que o *Death Metal* é visto por muitos de seus ouvintes como a corrente do Metal que é anti-religião. Para Lucas Gurgel, tais diferenças podem ser apreendidas se levarmos em conta de que “o visual é reflexo das nossas experiências, de como a gente adquire elas”.

Assim, tem-se a Razão Simbólica produzindo diferenciações no corpo e no que está sobre ele e que representa significados sociais. Os gestos, adereços (tipo *piercing* ou brincos utilizados por alguns integrantes da *Obskure* e da *Clamus*) e vestimentas assinalam que:

“eles montam uma encenação, articulam uma fala, com suas figuras carregadas de signos, com sua articulação pelas ruas da cidade, com suas músicas, levantando questões e buscando provocar respostas, simultaneamente, sobre sua condição juvenil, sobre a ordem social e sobre o mundo contemporâneo. Não estão assim, restritos ao âmbito do privado; e seu significado não se reduz ao seu caráter simbólico da crise social vigente, pois eles se produzem como emblema e é exatamente nisso que reside sua atuação crítica”(ABRAMO,1994,p.xv).

Penso que o avanço tecnológico que possibilitou o surgimento de instrumentos musicais mais potentes e uma variedade de pedaleiras e distorcedores possibilitou também a fragmentação do Rock em vários tipos, do mais melódico ao mais progressivo. E isso implicou na forma das bandas se definirem e se apresentarem como X, Y ou Z. O que não significa dizer que traços dos primórdios do *Heavy Metal* não possam ser observados hoje em dia.

Ao serem inscritas sobre o corpo, essas diferenças indicam o que eles, no caso de minhas descrições, reconhecem e/ou estabelecem como definidores do estilo musical ao qual se dedicam. São diferenças que produzem um corpo vinculado à experiência de tocar e ouvir música *Death e Thrash Metal* que os integrantes Lucas Gurgel e Wilker D’Angelo se negam a terem suas bandas denominadas de *Heavy Metal*.

O que na verdade esses jovens produzem é um discurso articulado entre a vivência musical e a vivência social, tendo no corpo a extensão das diversas possibilidades de significação combinadas, segundo as regras estabelecidas e reconhecidas por eles.

## Capítulo 6

## *Cenário underground*

`` . . . a gente deixa de sair para comprar um encordamento; a gente faz a opção que a gente quer``.

*Joaquim Cardoso (guitarrista e vocalista da Clamus)*

`` . . . *underground* é essa cultura de resistência(. . .) existe independente de tá o mercado influenciando``.

*Amaudson Ximenes (fundador e guitarrista da Obskure)*

As apresentações da *Obskure* e da *Clamus* é parte daquilo que os próprios integrantes denominam de *cena* ou *cenário underground*. Descreveremos, a seguir, os elementos que correspondem aos referidos termos.

O dia-a-dia dos integrantes da *Obskure* e da *Clamus* se caracteriza por muita correria. Possivelmente a expressão utilizada por Clerton Holanda de que ``estuda, trabalha e toca`` possa ser aplicada a todos eles. Dividir-se entre o trabalho fora da banda, a Universidade e a própria banda são as atividades diárias de cada um. No caso de Lucas Gurgel, a própria banda é o trabalho ao qual todos os dias ele se dedica, seja através dos estudos de guitarra ou pensando de que forma será custeado o próximo CD, ou quem sabe, escrevendo as primeiras linhas da nova música da banda.

Costumeiramente, às terças-feiras, após um dia de trabalho, os integrantes das duas bandas se reúnem em seus respectivos estúdios e ensaiam até meia-noite. Logo às 19h é o ensaio da *Obskure* no estúdio *Kaleidoscópio* que fica nos fundos da loja de fabricação de instrumentos musicais onde Wilker D'Angelo trabalha. É um estúdio pequeno mas com boa acústica e se localiza no bairro Aldeota, zona leste da cidade.

Terminado o ensaio da *Obskure*, como Lucas Gurgel voltou a tocar na mesma, dirige-se rapidamente ao estúdio *Krematorium*, pertencente a Joaquim Cardoso, que fica localizado no bairro Monte Castelo, zona oeste da cidade. É o ensaio da *Clamus* que se inicia por volta das 21h.

O *Krematorium* é um pouco maior que o *Kaleidoscópio*. Contudo, é um estúdio sustentado pelos próprios integrantes da *Clamus* e que não deixa de ser tecnicamente inferior à acústica do *Kaleidoscópio*. O motivo pelo qual a *Clamus* ensaia por volta de 21h, deve-se ao fato dos trabalhos de Joaquim Cardoso e Carlos James se prolongarem até depois das 20h. Além disso, Clerton Holanda também tem aulas na Universidade no período noturno, desocupando-se apenas por volta das 21h.

Tudo isso, segundo eles, depende de muito sacrifício e perseverança. É a custa do trabalho que conseguem manter financeiramente os estúdios onde ensaiam, como também, a

conservação dos equipamentos musicais. É certo que não dispõem de locais adequados para ensaios e nem de melhores equipamentos.

Contudo, procuram, sempre que podem, “uma vez na vida”, juntarem dinheiro com a finalidade de comprarem equipamentos melhores que aqueles que possuem. Segundo Joaquim Cardoso “você tem de disponibilizar uma grana e não é pouco. . . R\$ 600,00 a R\$ 800,00 pra guitarra, bateria nem se fala, palheta, cabo de microfone, cabo pra gente(. . .) o cara tem de tá disposto a gastar grana; tem de ter boa vontade e se virar pra conseguir grana”.

É dessa forma que se organizam as bandas que não dispõem de contratos com gravadoras ou grandes meios de comunicação que ajudem na divulgação de seus trabalhos. Possivelmente, por executarem um tipo de som não muito adequado comercialmente, exceto as bandas de *Heavy Metal*, as demais correntes do metal conseguem seguir adiante porque suas bandas criam um mercado paralelo ao grande mercado fonográfico, onde conseguem vender, trocar e negociar seus produtos.

Em muitos momentos, disponibilizar dinheiro para fazer circular esse mercado(e isso inclui compra de equipamentos, gravações, CDs, camisetas e às vezes produção de shows) significa negar prazeres secundários (cinema,praia) em nome do próprio estilo de vida – tocar o som que gosta. O mesmo Joaquim Cardoso afirma que “a gente deixa de sair pra comprar um encordamento; a gente faz a opção que a gente quer”. São possibilidades de escolha. Horizontes que se escolhem como experiências a fim de que se possa pulsar as intensidades que o volume do corpo e do som conjuntamente com o peso, são transmitidos pelo Metal.

Enquanto isso, nos ensaios estão sempre tocando as músicas para execução ao vivo. A *Obskure*, por exemplo, procura em seus ensaios executar as músicas tal como aparecem nos CDs. Mesmo com as constantes entradas e saídas de vocalistas, a *Obskure* consegue manter suas apresentações sempre com muito bate-cabeça e voz gutural. Por outro lado, a *Clamus* inova em riffs e batidas. Para se ter uma idéia, existem músicas do 1º CD demo que, quando são executadas hoje em dia, em muitos momentos, se tornam irreconhecíveis devido a tantos acréscimos ou retiradas que eles realizam, nas palavras de Lucas Gurgel, a “fim de soar melhor”.

Além dos ensaios semanais e dos custos com gravações e equipamentos, *Obskure* e *Clamus* conseguem viabilizar para todo o Brasil (e às vezes fora do país) o material que produzem, a saber: CDs, fitas e camisetas. Através da Internet, seja em sites próprios ou em sites especializados no tipo de música que tocam, eles divulgam o trabalho e, em muitos casos, passam a estabelecer relações de amizade com profissionais ou pessoas ligadas ao Metal.

Jolson Ximenes diz que nem sempre foi assim. Logo quando a *Obskure* surgiu, na década de 80, utilizava-se de cartas e fanzines como meios de divulgação. Contudo, com o surgimento da Internet, os e-mails em mala direta e os webzines facilitaram a divulgação. Diz ele: “antes era fly[espécie de informativo de papel cujas as informações contidas eram: os dados da fita e o endereço de contato com a banda]; hoje são e-mails em mala direta. Pegava 30[fly] e retransmitia, mandava a fita pelo correio; as gravadoras queriam bandas boas e que tivessem muitos correspondentes pra venderem mais; às vezes o fly voltava pra você (. . .) pra ficar mais barato criava um carimbo num papel onde de um lado estava riscado e o outro lado era carimbado”. Foi assim que a *Obskure* conseguiu um contrato com um gravadora (embora de médio porte) anos atrás. Assinaram um contrato, segundo Amaudson Ximenes, “metade-metade no Rio Grande do Norte”, ficando para a banda pagar apenas a mixagem e a prensagem do CD.

Os outros meios de divulgação correspondem às lojas dos amigos, o “boca-a-boca” e os shows. Através das relações de amizade que tecem com diversas pessoas ligadas não apenas ao Metal no Ceará, como também ao universo musical como um todo, sejam eles técnicos, proprietários de rádios, estúdios ou de casas de shows, constroem seus mecanismos de divulgação não apenas de um estilo musical. Essas ligações representam, também, uma forma de tornar o corpo e a estética que sobre ele está mais visível e mais instigante para o grupo que a ele adere, como também, para aqueles que estão de fora afirmando o porquê de “entrar na vida é descobrir que não se pode deixar de dar respostas, qualquer que seja a resposta, ao fato de estar situado numa cultura, num sexo, num sistema social”(CAIAFA, 1989,p.61).

Embora em muitos momentos essas respostas possam caracterizar as referidas formas de representação dessas bandas de trabalhos autorais como atitudes de guetos subterrâneos (underground), sempre ordenados com

“rituais secretos, ao qual só têm acesso os iniciados[o que ocorre] no entanto, aliado a um certo sentimento efetivo de gueto, existe uma busca de exposição para o externo, um grande anseio de comunicação(. . .) as bandas querem mostrar-se, querem tocar em outros lugares, nas praças; desejam participar de eventos mais amplos, gravar, conquistar espaço nos meios de comunicação; querem se expor e causar alarde, querem chocar”(ABRAMO, 1994,p.118).

Viver de música, tocar, viajar e ter melhores condições de ensaio. Eis as afirmações dos integrantes da *Obskure* e da *Clamus*. E tudo isso independentemente dos grandes aparatos mercadológicos para vendas e produções de shows. “Faça você mesmo”, o lema do movimento Punk , é levado muito a sério por bandas do tipo da *Obskure* e da *Clamus*. Criar

mecanismos de produção musical e fazer-se aparecer são formas de apresentar o *underground* como “essa cultura de resistência (. . .) existe independente de tá o mercado influenciando”, segundo Amaudson Ximenes.

Contudo, deve-se entender que assim como *punks* e *darks*, o que os adeptos da música pesada expressam em suas falas, comportamentos e sentimentos - tendo o corpo como o fio condutor -

“são fenômenos que desenrolam justamente no cruzamento dos campos do lazer, do consumo, da mídia, da criação cultural e lidam com uma série de questões relativas às necessidades juvenis desse momento. Entre elas, a necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano, e que se reflete no peso sinalizador e na velocidade das modas; a necessidade de equacionar os desejos estimulados pelos crescentes apelos de consumo e as possibilidades de realizá-los; a necessidade de situar-se frente à enxurrada de informações veiculadas pelos meios de comunicação; a necessidade de encontrar espaços de vivência e diversão num meio urbano modernizado mais ainda pobre e segregacionista, adverso aos jovens com baixo poder aquisitivo; e a necessidade de elaborar a experiência da crise com as dificuldades de articular perspectivas de futuro para si próprios e para a sociedade”(ABRAMO, 1994,p.82-83).

Necessidades e desejos podem ser realizados à medida em que *Obskure* e *Clamus* como integrantes da ACR participam das mobilizações, sejam elas de cunho social ou profissional, realizada pela mesma. Congregam à uma Associação que abriga diversos tipos de Rock e tem em sua lista de associados bandas do chamado Pop. Estabelecem relações de amizade com bandas que por executarem sons mais facilmente comercializáveis, como por exemplo, Jumenta Parida e Alegoria da Caverna, estão à luz da mídia cearense e nacional. Por muitas vezes, com essas bandas, chegaram a dividir custos financeiros de estúdio, quando no *Krematorium* ensaiavam *Obskure*, *Clamus*, *Jumenta Parida* e *Alegoria da Caverna*.

Dessa forma, “se tornam meios expressivos para negociar espaços e sentidos no campo da luta cultural, entendida como uma luta pela manutenção/conquista da hegemonia, entre classes dominantes e subordinadas (. . .) assim podem (. . .)conquistar espaços efetivos, como tempo e lugares de diversão, de circulação e manifestação”(ABRAMO, 1994,p.37).

Os referidos tempo e lugares, quando falamos de bandas de som pesado, nos referimos à contingência de pessoas que se unem em torno de um objetivo: curtir o mesmo som. Esse som representa “uma válvula de escape”, segundo Carlos James, da qual se dispõe para expressar indignação e raiva, produzindo, assim, “uma intervenção crítica no espaço público”(ABRAMO,1994,p.xv). Intervenção esta que se dá por intermédio das apresentações, dos trabalhos produzidos, pela presença das indumentárias do corpo e pelo teor humorístico das brincadeiras, apelidos e paródias com os acontecimentos cotidianos.

São esses os elementos que caracterizam o que eles chamam de *cena* ou *cenário underground*. A *cena* corresponde às representações realizadas no *cenário*, ou seja, referem-se `` a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência''(GOFFMAN, 1981,p.29)<sup>9</sup>. Tais atividades realizam-se nos espaços físicos onde promovem os shows, ensaiam, debatem (a ACR) e colocam seus trabalhos à venda. É onde se desenvolvem as experiências aqui descritas, não correspondendo necessariamente a um lugar fixo. Nesses espaços, os móveis, a decoração e os utensílios que os compõe têm sua extensão no corpo de cada espectador ou ator. Corpo este que a cada espetáculo é cada vez mais ``trabalhado, preparado e transtornado''<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Trata-se do trabalho de Goffman onde ele analisa de que maneira nas situações mais comuns os indivíduos se apresentam para si e para os outros. Utiliza-se da perspectiva da representação teatral, daí os termos cena e cenário serem utilizados. GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>10</sup> CAIAFA,1989,p.86.

## Considerações finais

Considero *O espetáculo dos ``metaleiros`` em Fortaleza: cenários e encenações corporais* como um primeiro ensaio acerca das relações entre a música do Metal e o corpo apresentado pelos jovens que a tem como preferida ou a executam.

Iniciei este trabalho assinalando minhas primeiras experiências com esse tipo de música. Apontei de que forma meu comportamento e minhas preferências musicais foram se alterando à medida que adentrava o universo do Rock, principalmente quando me dediquei em ouvir o rock ``pauleira``.

Em seguida, descrevi os primeiros encontros – Batista e a Associação Cultural Cearense do Rock(ACR) – que se constituíram ao longo dos trajetos pela cidade em busca dos shows, em fonte de informações que me ajudaram a delimitar o fenômeno a ser estudado.

Nos capítulos posteriores, registrei as experiências vivenciadas por esses jovens, quando, desta vez, havia escolhido a *Obskure* e a *Clamus* como os dois grupos a serem investigados. Os sons executados pelos respectivos grupos representam as duas maiores mudanças ocorridas na música do Metal que, por sua vez, influenciaram no comportamento daqueles que a ouvem, a saber: o *Thrash Metal* e o *Death Metal*.

No último capítulo (Cap.6), trabalhei a categoria *cenário underground*, utilizada por esses jovens. Espero ter oferecido elementos suficientes que possibilitem ao leitor entender o que significa a referida noção. Esta é imprescindível para se diferenciar as bandas do chamado *mainstream* daquelas que se apresentam para um público mais específico, embora consumidor de seus produtos e que por meio dos shows que realizam fazem cada vez mais numerosos os ``metaleiros``.

Devo também ressaltar que, para fins monográficos, não quis desenvolver as questões no que se refere à relação entre corpo e juventude. Contudo, comprometo-me em desenvolvê-las em estudos posteriores, preferindo que neste, fiquem registrados os cenários e as encenações corporais exibidas por esses jovens.

Os referidos jovens projetam em seus corpos as experiências compostas, cantadas (ora gutural, ora aguda), gesticuladas ou marcadas pelo simples ato de ouvir música. Ouvem-nas como novas propostas a serem dadas para as inúmeras respostas que a vida requer. Fazem do que ouvem, do que vestem e do que sentem a máxima que orienta pulsões, desejos e comportamentos, seja na casa, na família, no trabalho ou no palco.

Assim, ganham visibilidade pública; são reconhecidos; fogem dos estereótipos. Foram



essas as idéias centrais que eles me passaram ao longo desses meses de contato. Saber que através do som que fazem, desejam transformar, a cada dia, a si mesmos e ao mundo que os cerca.

No mundo da velocidade, onde os meios de comunicação de massa projetam a cada dia uma nova forma de ser e desejar ser "persona", o corpo parece ser muito mais veloz e agressivo com medo de estar condenado à extinção. Assim, utiliza-se da música como "válvula de escape", segundo me disse Carlos James, como instrumento de rebeldia, contestação e principalmente de inovação.

Com essas idéias, esses jovens têm conseguido um aumento no número de shows, sejam eles *covers* ou autorais. De vez em quando aparecem na TV ou, no caso do Forcaos (promovido pela ACR)<sup>11</sup>, ganham financiamentos de instituições como o Banco do Nordeste (BNB) e destaque na imprensa por estarem envolvidos com as questões sociais. Sobre os festivais *covers*, não me cabe aqui discutir as constantes intrigas entre as bandas autorais e as não-autorais. Contudo, seja na ACR ou fora dela, a discussão tem suscitado inúmeros questionamentos, inclusive trabalhos acadêmicos.

Por fim, estes são os meus últimos passos nesta primeira fase da caminhada acadêmica. Nos últimos contatos com a *Obskure* e a *Clamus*, sucederam os seguintes acontecimentos: no dia 29 de novembro a *Obskure* tocou no Hey Ho Rock Bar na abertura do show da banda americana *Incantation*. Foi a volta de Lucas Gurgel assumindo o posto de vocalista na banda, pelos menos até que um novo vocalista seja selecionado. Foi também a estréia de Fábio Barros nos teclados. E, no momento em que redijo as últimas linhas deste trabalho, Amaudson termina de me informar que a *Obskure* suspendeu os ensaios e as apresentações (temporariamente) porque Lucas Gurgel, o vocalista, decidiu se dedicar às gravações da *Clamus*. Cogita-se a possibilidade de Rafael Basso, da banda *Soturnus* da Paraíba, assumir o posto de vocalista. Em abril de 2004, a *Clamus* iniciou a gravação de seu novo trabalho e, no dia 07 de maio, a Associação Cultural Cearense do Rock inaugura o projeto Espaço Jovem na Rua Comendador Luís Ribeiro, Jacarecanga.

Espero que este trabalho desperte o interesse pelo estudo no campo das manifestações juvenis. Penso que novos caminhos devem ser trilhados para que se construa novos olhares sobre as questões relacionadas às culturas juvenis, levando-se em consideração as sutilezas e as aspirações daquilo que os jovens têm a nos dizer.

---

<sup>11</sup> Somente a título de informação, além do Forcaos há ainda no Ceará o evento Rock Pró-Cultura que é realizado nos bairros de Fortaleza no mês de Abril e a ONG SUPERACAO que realiza seminários e shows relativos ao Rock.



## **Bibliografia**

- ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- BAUGH, Bruce. **Prolegômenos a uma estética do Rock**. In: *Novos Estudos CEBRAP*, nº 38, março 1994, pp.15-23.
- CAIAFA, J. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- CHACON, P. **O que é Rock**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.n.68.
- CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1978. Cap.X: Da tortura nas sociedades primitivas, p.123-131.
- COSTA, Márcia Regina da. *Os`carecas do subúrbio`': caminhos de um nomadismo moderno*. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- DURKHEIM E MAUSS. **Algumas formas primitivas de classificação**,p.339-455. In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: Edusp,1974.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**.5.ed.Petropolis: Vozes,1981.
- LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Paris, 1990(tradução de Abel Castro, Fortaleza, março de 2001).
- LEÃO, Tom. *Heavy Metal: guitarras em fúria*. São Paulo: Editora 34, 1997.(Coleção Ouvido Musical).
- Na Metrópole: textos de antropologia urbana/ José Guilherme C. Magnani, Lilian de Lucca Torres (organizadores)*. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp,1996.
- MAUSS, M. **As técnicas corporais**, p.211-233. In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: Edusp, 1974.
- MORIN,E. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo – 2* . Rio de Janeiro: Universitária, 1986.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. Cap.1: Os antropólogos e suas linhagens, p.13-30.
- PRITCHARD-EVANS,E.E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar: Editores,1978.
- SAHLINS,M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SENNET,R. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na Civilização Ocidental*. São Paulo: Record,2001.

TAUSSIG, M. Cultura do terror, espaço da morte na Amazônia. In: **Religião e Sociedade**, n.10, novembro/1983.

VAN BALEN, Regina. **O corpo**. In: Fazer Filosofia. HUNE, L.M.(org).Uapê,1994.

## **Anexo**

# **ASSOCIAÇÃO CULTURAL CEARENSE DO ROCK**

## **ESTATUTO**

### **CAPÍTULO I DA CONSTITUIÇÃO E DA FINALIDADE**

**Art. 1** - A Associação Cultural Cearense do Rock é uma entidade civil sem fins lucrativos, com o tempo de existência indeterminado, que associa grupos e pessoas que realizam trabalhos artísticos e culturais alternativos, ou underground, com sede provisória e foro na rua Ataulfo Alves, nº 550 Bairro Jardim das Oliveiras na cidade de Fortaleza - Ceará.

**Art. 2** - A Associação Cultural Cearense do Rock tem como finalidade:

- 1) Reunir, integrar e fomentar a produção alternativa da nossa cidade;
- 2) Incentivar o estudo, a pesquisa e análise crítica, produzir e apoiar lançamentos na área de edição e produção musicais, relativos a essa arte, em sua montagem e representações, promover cursos, debates e incentivar mostras artísticas e culturais periódicas, extensivas a diversas localidades do nosso município, região metropolitana e em outras localidades do país;
- 3) Pleitear e adotar medidas de interesses dos associados bem como estudar e propor soluções para os problemas relativos a seus representados;
- 4) Administrar espaços culturais a ela cedidos, ou por ela edificadas, com ou sem parceria de órgãos ou entidades.

### **CAPÍTULO II DOS ASSOCIADOS**

**Art. 3** - A Associação Cultural Cearense do Rock possui 5 (cinco) categorias de associados:

- 1) Sócios fundadores: são todos aqueles que tiverem se associado até a data de promulgação do presente estatuto e participado de pelo menos 1/3 das reuniões convocadas para tal fim;
- 2) Sócios Efetivos: são os produtores e realizadores envolvidos diretamente a produção cultural ligada aos fins dessa associação e que estejam associados a pelo menos um ano à Associação Cultural Cearense do Rock;
- 3) Sócios Provisórios: são os produtores e realizadores envolvidos diretamente a produção cultural ligadas aos fins dessa associação com menos de um ano de filiação à Associação Cultural Cearense do Rock;

4) Sócios Colaboradores: são todos os associados que participem de forma voluntária na produção musical, eventos, edição e divulgação ou qualquer outra atividade dessa associação;

**Parágrafo único:** Os direitos e deveres dos sócios colaboradores são regulados por Regimento Interno criado posteriormente.

5) Sócios Honorários: são personalidades que representam a fundo a história deste movimento cultural, ou colaborem com afinco para o fortalecimento do mesmo, que receberão da associação, segundo decisão da Diretoria Executiva, o título de sócio honorário.

**Art. 4** - Para tornar-se sócio efetivo da Associação Cultural Cearense do Rock, será necessário:

a) um documento comprovando atividade, relacionado aos trabalhos que são objetos desta associação, assinado por maioria simples (metade mais um) dos integrantes do mesmo, acompanhado de um relação constando o nome de todos os membros, não havendo necessidade de o documento ser registrado em cartório;

b) durante o prazo de 1 ano, o associado que cumprir o item acima e comprovar, no mínimo 2 (duas) apresentações ou publicações dentro ou fora de Fortaleza será considerado associado efetivo;

c) após o prazo de um ano, estudados os motivos, à Associação Cultural Cearense do Rock poderá, a seu critério conceder prorrogação da associação provisória;

d) à Associação Cultural Cearense do Rock poderá, segundo seus critérios, fornecer documentação e amparo legal, de acordo com suas possibilidades, através de sua pessoa Jurídica para relação dos seus associados junto a Instituições Oficiais.

**Art. 5** - São direitos de todos os associados:

1) manifestarem-se livremente e participarem, de um modo ou de outro, de atividades da entidade, sempre observando os princípios da ética e do respeito mútuo;

**Art. 6** - São direitos unicamente dos sócios fundadores e efetivos:

1) usufruir do patrimônio da entidade, através de solicitação prévia e aceitando as exigências necessárias ao uso, manutenção e conservação do mesmo.

2) recorrer, em grau ordinário, ao Conselho Fiscal e, em grau extraordinário, à Assembléia Geral, quando se julgar prejudicado em seus direitos.

**Art. 7** - São deveres de todos os associados:

1) observar os dispositivos deste estatuto, acatar e cumprir as decisões da Assembléia Geral, da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal, contribuindo com o que estiver ao seu alcance, para o desenvolvimento do movimento cultural;

2) respeitar todos os associados da Entidade nas pessoas físicas, raça, religião, credo político- partidário e diferenças musicais e culturais.

3) contribuir financeiramente, para a Associação, com quantia estipulada para sua categoria, de acordo com o Regimento Interno, a ser aprovado posteriormente.

**Art. 8** - Os associados não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela entidade, podendo contribuir, de alguma forma voluntariamente.

### **CAPÍTULO III DA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL**

**Art. 9** - São poderes da Associação Cultural Cearense do Rock:

- a) Assembléia Geral;
- b) Diretoria Executiva;
- c) Conselho Fiscal.

**Art. 10** - À Assembléia Geral, que é o poder máximo de Associação Cultural Cearense do Rock, reunir-se-á, anualmente no mês Abril, traçar as linhas de Ação da Entidade, de dois em dois anos para a eleição da Diretoria Executiva e extraordinariamente, quando convocado pela Diretoria Executiva, pela maioria de seus associados, ou pelo Conselho Fiscal, com antecedência de 7 (sete) dias obedecendo às deliberações seguintes:

- 1) em primeira convocação com a presença de metade mais um de seus membros, deliberando por maioria de metade mais um;
- 2) em segunda convocação, trinta minutos após, com qualquer número e deliberando por maioria de dois terços.

**Parágrafo único:** de três em três anos, à Assembléia Geral elegerá a Diretoria Executiva da Associação Cultural Cearense do Rock.

**Art. 11** - Compõem à Assembléia Geral, com direito a voz, voto e serem votados todos os sócios fundadores e efetivos, sendo que em caso de grupos, todos os seus membros.

**Art. 12** - À Assembléia Geral será dirigida por uma mesa diretora, escolhida quando da sua instalação, dentre os associados, com a seguinte composição:

- a) Presidente;
- b) 1º Secretário.

§ 1º As atribuições da mesa diretora encerram-se com o término da Assembléia Geral.

§ 2º A Assembléia reger-se-á por um regimento interno próprio, aprovado quando da sua instalação.

**Art. 13** - Para fins de representatividade e gestão dos negócios, Associação Geral elegerá, com mandato de três anos, uma Diretoria Executiva composta de:

- a) Presidente;
- b) Vice-presidente;
- c) Secretário;
- d) Tesoureiro.

§ 1º - Na vacância do cargo de Presidente, o mesmo será substituído pelo Vice-presidente, sendo que este caso e os demais, que vierem a se tornar vacantes, deverão ser preenchidos por membro eleito em assembléia extraordinária, convocada para tal fim.

§ 2º - A Diretoria Executiva poderá, eventualmente, instituir departamentos cujos titulares serão escolhidos pela mesma, bem como, em qualquer tempo, destituí-los.

**Art. 14** - Ao Presidente da Associação Cultural Cearense do Rock compete:

- I - presidir as reuniões da Diretoria;
- II - representar a Entidade juridicamente em todas ocasiões, assinando, em nome da mesma, a correspondência geral;
- III - assinar, juntamente com o tesoureiro, os cheques e os recibos;

IV - representar a associação junto a entidades congêneres, poderes públicos e comunidade defendendo os interesses gerais dos associados, colaborando com os mesmos no estudo e solução de todos os assuntos que, direta ou indiretamente, possam, de alguma forma, fomentar o fortalecimento e a coesão do movimento.

**Art. 15** - Ao Vice-presidente compete:

- I - substituir o Presidente em suas ausências ou impedimentos;
- II - executar as tarefas que lhe forem conferidas pelo Presidente e pelo Conselho Fiscal.

**Art. 16** - Ao Secretário compete:

- I - supervisionar e fiscalizar os serviços de Secretaria da Associação Cultural Cearense do Rock;
- II - assinar a correspondência por delegação do Presidente;
- III - redigir as atas das reuniões da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- IV - redigir as correspondências privadas da Presidência;
- V - ter sob sua responsabilidade os cadastros dos associados.

**Art. 17** - Ao Tesoureiro compete:

- I - firmar recibo, dar quitação e efetuar pagamentos, assinando, conjuntamente com o Presidente os documentos competentes;
- II - recolher a bancos oficiais, em conta corrente da Associação Cultural Cearense do Rock, os saldos de caixa que excedam a R\$ 10,00 (dez reais);
- III - apresentar anualmente, ou quando solicitado, ao Conselho Fiscal, um relatório econômico e financeiro da Entidade, subscrevendo as peças contábeis respectivas, inclusive as integrantes do relatório anual;
- IV - assinar os balanços anuais do exercício;
- V - manter em ordem os serviços da Tesouraria e a respectiva escrituração de conformidade com a Lei, observadas as restrições e emanadas da Assembléia Geral, da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal.

**Art. 18** - O Conselho Fiscal, é constituído por um representante de cada área de trabalho artístico desenvolvido em nosso estado e associado a esta Entidade, sendo órgão de caráter fiscal e consultivo.

§ 1º Ressalva-se que as deliberações do Conselho Fiscal não podem contrariar as decisões e resoluções da Assembléia Geral

§ 2º Compete ao Conselho Fiscal fiscalizar e emitir parecer sobre o balanço e as contas da gestão da Associação Cultural Cearense do Rock.

**Art. 19** - O Conselho reunir-se-á:

- I - ordinariamente, de ano em ano, no mês de abril, para examinar e aprovar as contas do exercício anterior;
- II - extraordinariamente, quando convocado pela Diretoria Executiva ou pela maioria dos seus associados, com antecedência de 7 (sete) dias obedecendo as deliberações seguintes:
  - a) em primeira convocação com a presença de metade mais um de seus membros, deliberando por maioria de metade mais um.
  - b) em segunda convocação, trinta minutos após com qualquer número e deliberando por maioria de dois terços.
  - c) no ano da instalação da Associação e instituição do respectivo estatuto, o Conselho Fiscal reunir-se-á mensalmente.



**Art. 20** - As reuniões do Conselho Fiscal, serão conduzidas pela Diretoria Executiva.

#### **CAPÍTULO IV DAS ELEIÇÕES**

**Art. 21** - A Eleição da Diretoria da Associação Cultural Cearense do Rock será realizada a cada três anos, no mês de Abril, durante a realização da Assembléia Geral.

**Art. 22** - Para qualquer dos cargos da Diretoria a duração do mandato será de três anos, podendo os mesmos elementos serem reeleitos mais de uma vez, consecutivamente, ao mesmo cargo.

**Art. 23** - Poderá ser votado:

I - todos os sócios fundadores e efetivos em dia com suas obrigações junto à associação.

**Art. 24** - Terá direito a voto todos os associados em dia com suas obrigações junto à associação de acordo com as especificações abaixo:

I - todos os sócios fundadores efetivos;

II - sócio provisório com mais de seis meses de filiação;

III - sócio colaboradores com mais de um ano de filiação, que tenha participado de pelo menos 2/3 (dois terços) das reuniões, sem justificativa para suas ausências.

**Parágrafo único** - sócio honorários não tem direito a voto ou a ser votado.

#### **CAPÍTULO V DO PATRIMÔNIO**

**Art. 25** - O patrimônio da Associação Cultural Cearense do Rock será constituído por:

I - doações de bens imóveis e móveis (máquinas e equipamentos) e ou numerários, realizadas por pessoa física e ou jurídicas, entidades e poderes públicos.

II - mensalidade pagas por seus associados.

Parágrafo único - a mensalidade não poderá ser superior a 10% (dez por cento) do salário mínimo.

**Art. 26** - O uso do patrimônio será regulamentado por regimento interno com regras específicas para cada item.

#### **CAPÍTULO VI DAS PENALIDADES**

**Art. 27** - Perderá o direito a voto e ser votado o associado que:

I - deixar de cumprir o artigo 7 item III;

II - no caso de sócio fundador ou efetivo, não tiver participado de pelo menos 1/3 (um terço) das reuniões da associação, no período de um ano ou não justificar, comprovando de alguma forma, o não comparecimento.

III - sendo sócio colaborador, não participar de pelo menos 2/3 (dois terços) das reuniões.

**Art. 28** - Poderá perder sua filiação o associado que:

I - descumprir o Art. 5, I e Art. 7, I, II e III;

II - degradar espaços culturais, verbal ou fisicamente;

III - agredir de forma contrária aos objetos da associação prejudicando-a de alguma forma.

**Parágrafo único** - os itens contidos neste artigo serão objetos de julgamento a ser realizado pela Diretoria Executiva ou pela Assembléia Geral, com convocação para tal fim, dependendo da seriedade das conseqüências do ato cometido pelo associado.

**Art. 29** - A Diretoria Executiva poderá ser destituída, no caso de comprovada incompetência administrativa, ou pelo mal uso do patrimônio, físico ou financeiro, a ela conferida, após ter sido julgada e caracterizada pela Assembléia Geral convocada para tal fim.

## **CAPÍTULO VII DA DISSOLUÇÃO**

**Art. 30** - A Associação Cultural Cearense do Rock não poderá considerar-se dissolvida enquanto existirem pelo menos dois associados interessados em sua continuação.

**Art. 31** - No caso da dissolução, o patrimônio da entidade, será doado, a critério dos seus associados, a outra associação sem fins lucrativos, congênere ou não, desde que devidamente registrada.

## **CAPÍTULO VIII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS**

**Art. 32** - Atendida as normas legais e a juízo de seus órgãos dirigentes, à Associação Cultural Cearense do Rock poderá manter relações com entidades afins nacionais ou estrangeiras, visando o desenvolvimento e intercâmbio musical e cultural de seus associados.

**Art. 33** - À Associação Cultural Cearense do Rock poderá remunerar os membros de sua diretoria pelo exercício de suas funções, essa remuneração será objeto de regulamentação do regime interno, criado posteriormente.

**Art. 34** - Os casos omissos no presente Estatuto serão resolvidos pela Assembléia Geral ou pelo Conselho Fiscal, para tanto, baixarão instruções que deverão ser datadas.

**Art. 35** - Este Estatuto, aprovado na Assembléia Geral dos associados em Fortaleza/CE aos 25 (vinte e cinco) dias do mês de abril de 1998 (mil novecentos e noventa e oito), somente poderá ser modificado durante a realização de uma Assembléia Geral, convocada para tal fim, com participação de 50% (cinquenta por cento) mais um de todos os associados.

**Art. 36** - Fica determinado o Foro da cidade de Fortaleza/CE, para as questões legais oriundas deste Estatuto.

Fortaleza, 25 de Setembro de 1997.  
Amaudson Ximenes Veras Mendonça  
Presidente da ACR



Show da Obskure quando Daniel Boyadjian assumia o posto de vocalista



Wilker D'Angelo ( ex-baterista da Clamus e atual baterista da Obskure)



Amaudson Ximenes (presidente da ACR e guitarrista da Obskure)



Jolson Ximenes(baixista da Obskure)



Acima: Clerton Holanda(bateria); Abaixo:Carlos James(baixo e vocal) e Joaquim Cardoso(guitarra e vocal), ambos da Clamus.





Lucas Gurgel(guitarra e vocal)da Clamus. Vocalista atual da Obskure.



Show da Clamus – na frente, da esquerda para a direita: Lucas Gurgel, Carlos James e Joaquim Cardoso.





